



CRISTIANE FERNANDES GUIMARÃES

Vivências com os processos de alfabetização/letramento em uma escola de educação infantil inovadora: entre formigas e piratas.

BRASÍLIA

2014



FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CRISTIANE FERNANDES GUIMARÃES

Vivências com os processos de alfabetização/letramento em uma escola de educação infantil inovadora: entre formigas e piratas.

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da professora Doutora Maria Alexandra Militão Rodrigues, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dr^a Maria Alexandra Militão Rodrigues.

BRASÍLIA

2014

Guimarães, Cristiane Fernandes

Vivências com os processos de alfabetização/letramento em uma escola de educação infantil inovadora: entre formigas e piratas.

Trabalho final de curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade de Brasília, 2014.

Orientadora: Maria Alexandra Militão Rodrigues

TERMO DE APROVAÇÃO

CRISTIANE FERNANDES GUIMARÃES

Vivências com os processos de alfabetização/letramento em uma escola de educação infantil inovadora: entre formigas e piratas.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido sob a avaliação da Comissão Examinadora constituída por:

Prof.^a Dr.^a Maria Alexandra Militão Rodrigues

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Membro Titular – UnB/FE

Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva

Membro Titular – UnB/FE

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	5
GRATIDÃO: 1. Qualidade de quem é grato, 2. Reconhecimento, agradecimento.....	6
RESUMO	7
ABSTRACT	8
APRESENTAÇÃO.....	9
MEMORIAL	11
ENSAIO	11
Vivências com os processos de alfabetização/letramento em uma escola de educação infantil inovadora: entre formigas e piratas.....	26
Indag-ações.....	27
Alvo	30
Primeiro passo: de onde e com que eu falo?	31
Descobrimo uma Associação e uma escola em seu interior.	35
Nas salas azul e rosa, uma rotina aventureira!.....	37
Com que letras se escreve uma aventura pedagógica?	39
“Meu nome é fome; meu apelido é José!”	40
Semeando reflexões.....	47
O Projeto Formigas do mundo: uma aventura no mundo das representações.....	54
A Sociedade Secreta dos Piratas: O pirata que há em nós, o desafio de um código!	59
Considerações finais?	69
Perspectivas Futuras	72
REFERÊNCIAS:	73

GRATIDÃO: 1. Qualidade de quem é grato, 2. Reconhecimento, agradecimento.

“Fomos, somos e seremos seres de palavras, em palavras, por palavras, entre palavras, sem palavras. Por isso, não se há de buscar no dicionário aquilo que não se buscou na vida. Não se há de encontrar no dicionário aquilo que não se encontrou na vida. Não se há de saber no dicionário aquilo que não se soube viver”.

(Carlos Skliar)

Obrigado por mais este dia de vida, pelo pão de cada dia e por tudo que o Senhor tem feito por nós, Jesus!

Marinalva Fernandes Guimarães, mãe guerreira, que nunca deixou de estar comigo! Cuidou, amou, educou, limpou, alimentou, carregou, cultivou, ensinou, exemplificou, respeitou, deu à luz, semeou, colheu, plantou e no meu peito ficou!

Rubens Alberto Guimarães, pai carinhoso, caridoso, apaixonado, cuidadoso, calado, discreto, engraçado, brincalhão, generoso, companheiro de todas as horas!

Mariana Fernandes Guimarães, irmã pentelha, sempre me dando trabalho, brincando comigo e me distraíndo!

Família Fernandes, minha base forte, meu refúgio, meu amor, meu jardim! Cultivado pela mais bela rosa Maria Aparecida Garcia Fernandes Vila Verde!

Amigos de casa, de bar, de rua, de trabalho, de escola, de infância, de adolescência, de juventude, de graduação, de estágio, de alegrias, de tristezas, de comemorações, de enterros, de partidas de futebol, de corrida no parque, da manhã, da tarde, da noite e da madrugada.

Professores de minha infância, de minha adolescência, de minha juventude!

Professores que são asas: Armando, Tadeu Queiroz, Fátima Vidal, Cristiano Muniz, Albertina, M^a Alexandra Rodrigues, Patrícia Pederiva, Simone Lima e Juliana Brenner. Coerentes em sua prática, inspirações em minha vida!

Crianças de todos os lugares, de todas as idades, de todas as classes, de todas as religiões, de todas as culturas, de todas as nações!

Associação Pró-educação Vivendo e Aprendendo, inefável o que sinto por você!

Obrigada!

RESUMO

Escrito a partir de vivências como educadora na Vivendo e Aprendendo, participando da vida associativa da escola e desenvolvendo dois projetos pedagógicos em sala, sendo eles: As formigas do mundo e A sociedade secreta dos piratas: o pirata que há em nós. O presente ensaio tem como objetivo refletir sobre os processos e práticas de alfabetização/letramento em uma escola de educação infantil inovadora. Para suscitar esta reflexão revisto meu diário de bordo, no qual relato esta experiência da palavra vivenciada com as crianças, resgato os relatórios gerais que elucidam como os projetos são desenvolvidos e diálogo com o Paulo Freire e Madalena Freire sobre a leitura de mundo e a leitura da palavra. Com Emília Ferreira e Ana Teberosky sobre a postura do educador diante da construção do conhecimento com relação ao sistema de representação da língua escrita. Por último, com Magda Soares e Marlene Carvalho que esclarecem o que é a alfabetização e o que é letramento, e como os dois se relacionam historicamente. Assim, por meio do revisitar das vivências e do diálogo com os autores refletimos sobre os processos e práticas de alfabetização/letramento na Vivendo e Aprendendo. Esclarecemos algumas dúvidas, perplexidades, curiosidades da associação e a encorajamos a aprofundar seus estudos sobre a alfabetização, o letramento e instigar a sua troca de saberes e experiências.

Palavras chave: Processos de alfabetização e letramento, educação infantil inovadora, projetos pedagógicos.

ABSTRACT

Written from experiences as an educator in *Vivendo e Aprendendo*, participating in the community life of the school and educational projects in developing in class, which: *As formigas do mundo e A sociedade secreta dos piratas: o pirata que há em nós*. This essay aims to reflect on the processes and practices of literacy / literacy in an innovative early childhood education school. To raise this reflection revised my logbook, in which the word reporting this experience experienced with children, redeem the general reports that elucidate how projects are developed and dialogue with Paulo Freire and Magdalena Freire about reading the world and reading word. With Emilia Ferreiro and Ana Teberosky on the educator's posture before the construction of knowledge with respect to the representation of written language. At least, with Magda Soares and Marlene Carvalho clarifying what is literacy and what literacy system, and how the two relate historically. Thus, through revisiting the experiences and dialogue with the authors reflect on the processes and practices of literacy / literacy in *Vivendo e Aprendendo*. We clarify some doubts, perplexities, curiosities of the association and encourage further study on literacy and literacy and instigate its exchange of knowledge and experiences.

Keywords: Processes of literacy and literacy, innovative early childhood education, educational projects.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido como trabalho final de conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e está organizado em três partes: o memorial, o ensaio e perspectivas futuras.

No memorial, conto a minha trajetória como leitora/escritora dentro e fora da escola, revisito minhas memórias educativas e como me constitui como educadora.

No ensaio se faz presente, a voz das crianças, a voz dos autores, a voz da comunidade escolar e a minha voz como educadora. Todos dialogando a respeito de um mesmo tema: processos de alfabetização/letramento. Ele encontra-se dividido nos seguintes temas: Indag-ações, Alvo, Primeiro passo: de onde e com que eu falo?, Descobrir uma Associação e uma escola em seu interior, Nas salas azul e rosa – uma rotina aventureira, Com quais letras se escreve uma aventura pedagógica?, Meu nome é Fome, meu apelido José, Semeando reflexões, O projeto Formigas do mundo: uma aventura no mundo das representações, A sociedade secreta dos piratas: o pirata que há em nós e o desafio de um código e perspectivas futuras.

Indag-ações, este tema retrata minhas indagações a respeito dos processos de alfabetização/letramento na Vivendo e as minhas ações. Com o tema Alvo, demonstro qual é o alvo deste ensaio, qual é o seu objetivo e o que ele deseja acertar. Primeiro passo: de onde e com quem eu falo? Retrata o meu primeiro contato com a Vivendo, minhas primeiras impressões e percepções, Descobrir uma Associação e uma escola em seu interior, relato o que é a Vivendo e Aprendendo, como essa Associação e essa escola se constitui, Nas salas azul e rosa uma rotina aventureira, dialogo um pouco sobre como é a sala de aula e a rotina da escola, como esse espaço é aproveitado e como a rotina é explorada também, Com quais letras se escreve uma aventura pedagógica? Destaca os sujeitos envolvidos neste processo como cada um coloca a sua letra e interpreta, Meu nome é Fome, meu apelido José, conto a história do início de Brasília, seus ideais, utopias e memórias educativas que foram fonte de inspiração para a fundação da Vivendo e Aprendendo.

Semeando reflexões, traz as sementes reflexivas da Associação a respeito dos processos de alfabetização/letramento, refletindo o trabalho em sala, com a voz dos autores e da associação. O projeto Formigas do mundo: uma aventura no mundo das representações, retrata como a alfabetização/letramento é trabalhado dentro do projeto, o que é esse mundo das representações, como as crianças representam o lugar onde vivem e como podemos representar um mesmo objeto de diferentes maneiras.

A sociedade secreta dos piratas: o pirata que há em nós e o desafio de um código, traz o projeto como um norteador do trabalho e mostra como que de maneira criativa e lúdica o desafio do código foi colocado, como podemos trabalhar com

diferentes gêneros textuais, perceber e desafiar as crianças. E no último tema perspectivas futuras, apresento minha metas e desejos como educadora.

MEMORIAL

Eu nasci num recanto feliz bem distante da povoação foi ali que eu vivi muitos anos com papai, mamãe e os irmãos...

(Meu reino encantado - Daniel).

Nasci na cidade de Luziânia - GO, onde morei 18 anos em um bairro chamado Jardim do Ingá. Quando se casaram meus pais moravam no Cruzeiro – DF. Ambos têm curso superior. Meu pai era protético e tinha um laboratório onde trabalhava com seu irmão mais velho e minha mãe trabalhava na parte administrativa de uma empresa no Setor Comercial Sul. Quando minha irmã nasceu, minha mãe parou de trabalhar para cuidar dela, já que as empregadas não estavam dando conta do recado. Nesse momento meu pai também começou a ter problemas no laboratório, brigava muito com seu irmão, então resolveram mudar para uma chácara onde poderiam tirar todo o seu sustento da terra. Ambos vinham de famílias rurais, logo sabiam cuidar das vacas, tirar o leite, pastorear, plantar horta, cuidar das galinhas e dos porcos.

Eu não fui um bebê planejado, uns 2 anos depois que eles tinham se mudado e estavam começando a tirar algum lucro da chácara eu nasci. Minha mãe contava que enquanto estava grávida de mim, capinava o terreno, vendia alface, couve, cheiro verde, e ainda enfrentava touro bravo. Nasci no dia 06 de outubro de 1993, quase no dia do aniversário dela, 08 de outubro.

O começo foi bem difícil, morávamos em um barracão sem muitas condições, mas nunca nos faltou o alimento, o amor, o carinho e o respeito. Com o dinheiro das verduras, do leite, dos ovos e da carne das galinhas, meus pais conseguiram construir nossa casa.

Quando eu tinha 4 anos meus pais me matricularam em uma escola de educação infantil, chamada Escolinha da Emília, que ia do maternal à 1ª série. Como eu faço aniversário no final do ano e minha mãe já tinha me ensinado algumas coisas, porque eu via minha irmã estudando e sempre me sentava perto para desenhar ou fazer companhia, já sabia as letras e as vogais, fiz uma prova e me colocaram direto no Jardim II. Eu não me recordo muito dessa época, tenho mais recordações da minha 1ª série, quando fui alfabetizada.

Lembro que eu ia de carroça com meu pai para escola, como ele saia cedo todos os dias para vender o leite, já me deixava na escola, e quando voltava do leite, me buscava também, era bem divertido ir gritando: olha, o leite! na carroça com ele. Eu gostava da escola, tinha um parquinho com balanço, gira - gira, um pé de seriguela, era uma escola aconchegante. Lembro que eu brincava muito com massinha, era uma das

minhas brincadeiras favoritas. Por ser uma criança tímida, sentava na primeira carteira, perto do quadro e da porta, quase não falava na sala. Conversava mais na hora do parque com os meus vizinhos que também estudavam lá nas séries menores.

Fui alfabetizada no modo tradicional, tínhamos caderno de caligrafia e as atividades que fazíamos eram de ligar os pontinhos para formar as letras, a professora segurava nossa mão e escrevia as palavras com a gente. Eram atividades que para mim não faziam sentido, não descobri as letras, pois elas já estavam prontas para mim, era só ligar os pontinhos. Foi um período complicado também, pois como na escola eu era tímida. Em casa brincava a tarde inteira com minha irmã e ela gostava de subir nas árvores e sabia subir. Eu, por ser menor e não ter a mesma motricidade e esperteza que ela, caía muito. Em uma dessas subidas, eu caí por cima do meu braço direito, fiquei quinze dias com o braço engessado, como tinha que fazer as tarefas de casa e na sala, acabei aprendendo a escrever com a mão esquerda também. Depois que tirei o gesso voltei a escrever com a direita e por achar que minha letra é mais bonita com a direita, escrevo com ela até hoje. Com a mão esquerda minha letra ainda parece com a de uma criança que está aprendendo a escrever.

As minhas tardes em casa eram cheias de brincadeiras, brincava de queimada, pique-pegas, pique-esconde, corre cutia, futebol, tentava andar de bicicleta e brincava muito de escolinha: eu ia para área atrás da casa, pegava um giz e ficava escrevendo na porta. Ali eu brincava durante horas e horas, dando aula para os meus alunos imaginários.

Como a Escolinha da Emília só ia até a 1ª série e a escola de ensino fundamental que minha irmã estudava, minha mãe achou muito ruim, pois minha irmã estava aprendendo coisas como roubar, xingar e etc., minha mãe resolveu nos colocar na mesma escola. Essa era mais distante de casa, se chamava Colégio São Francisco de Assis. Eu fui para 2ª série e a minha irmã para 5ª. Lá entrei em uma turma que já estudava junta desde o maternal.

No começo ainda sentava na frente e sempre muito tímida. Esse foi um ano difícil, pois foi quando minha mãe começou a trabalhar fora, na FINATEC - Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos - e eu senti muito a sua falta. Chegava em casa deitava no lado dela da cama, abraçava o travesseiro e chorava, só passava quando ela ligava para dizer que estava pegando o ônibus. Com o passar do tempo fui me acostumando com o trabalho dela e com a escola também, fiquei até a 5ª série com a mesma turma, então já me sentia mais a vontade na escola, brincava, conversava e até brigava com os colegas.

Meus pais são espíritas. Na minha casa sempre teve muitos gibis do Tio Patinhas, Turma da Mônica e do Mickey, minha mãe sempre trazia um jornal que vinha lendo no ônibus, tínhamos discos juvenis e livros espíritas que meus pais guardavam com muito cuidado em uma estante. Quando era criança gostava de ler e folhear os gibis, quando era adolescente uma vez minha mãe pediu que eu organizasse a estante dos livros e lá fui eu. Joguei todos os livros em cima de uma cama, tirei a poeira e

comecei a folhear. Alguns estavam rabiscados com a minha letra, outros como uma Bíblia Ilustrada. Eu tentei ler, mas muitas questões começaram a surgir na minha cabeça sobre Deus, a origem do mundo e da vida; fiquei confusa e guardei o livro. Fui devolvendo os livros para a estante até que encontrei um livro pequeno com ilustrações simples que contava a história de um menino que não tinha nada e ganhou uma flor, começou a cuidar dessa flor e ganhou um raio de sol, o raio de sol começou a conversar com ele e ele ganhou também uma música; porém, quando eu estava me aproximando do final do livro, descobri o que o livro não tinha fim. Haviam arrancado às páginas.

Aquilo me deixou tão curiosa que rapidamente terminei de guardar os livros na estante e fui perguntar para minha mãe qual era o final daquela história. Minha mãe me respondeu que a tinha lido há muito tempo e já não lembrava mais. Eu vi uma dedicatória direcionada ao meu pai na primeira folha e ela falou “Pergunte pro seu pai, ele deve lembrar”. Assim que ele chegou fui correndo perguntar se ele já tinha lido aquele livro e se lembrava o final, mas obtive a mesma resposta: ele também não lembrava mais. Fiquei tão enraivecida com este episódio que guardei o livro novamente e sempre que ia ler um livro, abria a última página para ver se o final estava lá. Se estivesse, voltava para o começo e lia a história do início ao fim.

No último bimestre da 4ª série foi a minha primeira reprovação, reprovei em matemática porque, ao invés de começar a multiplicação pelo lado direito, começava pelo esquerdo. Aquilo foi quase o fim do mundo para mim! Minha irmã reprovava bastante e minha mãe sempre brigava com ela, eu sempre me dediquei, tirava notas boas, participava, os professores nunca se queixavam do meu desempenho. Quando eu me vi reprovada em matemática, fiquei com tanta vergonha e me senti tão mal que no dia que meu pai chegou com o boletim, chorei o dia inteiro até a noite. Quando minha mãe chegou meus olhos estavam com olheiras de tanto chorar, ela pediu para ver minha prova de matemática, e percebeu que eu estava multiplicando pelo lado errado, falou que não tinha problema e que eu iria ter que estudar um pouco mais durante a semana até a prova de recuperação.

No final de semana, fiquei decorando a tabuada e fazendo multiplicações, mas ainda não estava conseguindo. Foi quando minha mãe resolveu pagar uma vizinha que estava terminando o ensino médio para me dar aula de reforço. Foi aí que eu aprendi a multiplicar pelo lado certo, de uma maneira bem simples ela me mostrou que quando íamos multiplicar algum número sempre começávamos pelo último e não pelo primeiro, me mostrou o que ficava lá em cima e o que a gente fazia com os debaixo, até chegarmos no resultado. Uma semana depois fiz a prova e, advinha, tirei 10. Foi a superação de um trauma.

No São Francisco nós, meninas, tínhamos o costume de escrever cartas uma para as outras. Sempre que brigávamos era por meio das cartas que fazíamos as pazes, quando fazíamos aniversário o presente era uma carta e uma vez nossa professora nos pediu que escrevêssemos uma carta para um parente que morasse longe. Escrevi para

minha tia Enamar, manuscrita. Dias depois recebi uma resposta em uma folha impressa digitada com uma rosa no canto esquerdo, e fiquei me perguntando onde estava a letra da minha tia. Gostei da carta e a turma gostou de ir ao correio. E assim, nos escrevíamos cartas. Um dia aconteceu um episódio que me fez parar de escrever cartas para minhas amigas. Tinha escrito uma carta e a entreguei pessoalmente para minha amiga, estávamos sentados em duplas e ela a leu com outra amiga do lado. De repente uma se vira trás e me pergunta “- Você não faz um rascunho antes de escrever a carta, não?”. Respondi muito sinceramente: “Não! Eu escrevo cartas! não escrevo rascunhos!”. Ela me mostrou minha carta que estava toda cheia de X e algumas letras de outras cores. Daquele dia em diante não escrevi mais cartas para elas.

Eu gostava de escrever, não apenas cartas. Tinha um diário onde eu escrevia o que estava sentindo e às vezes escrevia poemas, porém minha irmã sempre pegava meus diários, com cadeado ou sem, ela sempre lia e ficava zombando de mim depois. Assim, eu fui deixando de escrever para mim e para os outros também. Só escrevia na escola e quando minha mãe pedia que eu escrevesse um cartãozinho ou uma carta para colocar nos presentes dos meus tios. Lembro que uma vez escrevi uma carta para o meu tio mais novo, Carlos, e ela me disse “- Entregue quando ele tiver bebido um pouco mais, que ele vai chorar!”. Esperei o momento certo. Entreguei a carta junto com o presente e, adivinhe, ele chorou! Fiquei tão feliz, pois finalmente alguém que não me corrigiu, não zombou do que estava escrito, se emocionou, chorou e me abraçou, agradecido por minhas palavras.

Quando ia para 6ª série tive que mudar novamente de escola, porque o Colégio estava ameaçando falir e minha irmã iria começar o Ensino Médio. Então minha mãe nos matriculou na Escola Ursinho Feliz, que ficava bem na entrada do Jardim Ingá, e por isso íamos de escolar. Entrei em uma turma que também já estava junta desde o maternal, com alguns colegas que entraram depois também. Lembro que nessa turma, na primeira semana eu já tinha várias amizades e falava com todos, minha timidez realmente ficou para trás.

Nessa escola tinha uma pequena biblioteca onde eu gostava de entrar e olhar os livros, mas raramente lia algum. Como passava a tarde em casa, geralmente eu ajudava meu pai na horta e brincava muito na rua com os vizinhos, sempre cuidando e ensinando brincadeiras para os mais novos.

Na 7ª série reencontrei uma das amigas com quem costumava trocar cartas. Um dia ela me convidou para ir na sua casa, fazermos um trabalho para o dia seguinte. Quando entrei no seu quarto, ela me mostrou uma gaveta da sua cômoda na beirada da cama, na qual guardava todas as cartas que recebia. Peguei as minhas e comecei a ler. Estavam todas lá, inclusive a cheia de X e com letras de outra cor. Só depois de ler minhas cartas novamente e com calma, percebi o porquê do rascunho e do ler outra vez antes de enviar ou entregar. Quando nesse mesmo ano ela se mudou para o Lago Norte, lhe enviei uma carta pelo meu primo que estava estudando no mesmo colégio que ela e

recebi por ele também a resposta. Foi a última carta que trocamos e atualmente conversamos pelas redes sociais, já que ela está em Minas Gerais.

Quando eu cheguei na 8ª série minha irmã estava terminando o 3º ano e já naquela pressão de passar na UnB, ela fez o PAS para administração, não conseguiu e desistiu, foi fazer Ciências Contábeis na Unidesc, que era o curso que ela queria e a faculdade ficava mais próxima de casa. E isso alimentou em mim o desejo de passar na UnB, só que para isso eu precisava estudar e também sair do Ursinho Feliz, porque minha irmã considerou que o Ensino Médio lá era fraco e pouco preparatório para o vestibular.

Diante disso, pedi para fazer o meu Ensino Médio em alguma escola pública do Distrito Federal, usei como argumentação que assim poderia, além do PAS e do vestibular da UnB sem pagar a taxa de inscrição, também fazer o Prouni e conseguir bolsa em outras faculdades particulares. Mesmo receosa minha mãe aceitou a proposta, me matriculando no Centro de Ensino Médio 02 do Gama, por uma questão de localidade: o Gama ficava mais próximo da minha casa e o colégio próximo à rodoviária. No dia em que fomos fazer minha matrícula minha mãe olhou para o colégio um tanto assustada e perguntou se eu tinha certeza que era isso que eu queria. Respondi que sim, fizemos a matrícula e no primeiro dia de aula ela me levou para o colégio.

Lembro que eu era a única estudante de Ensino Médio que a mãe levou para a escola. Meu primeiro bimestre foi uma fase de experimentação tanto para mim, quanto para os meus pais. O Cem-02 do Gama é um colégio grande, só de 1º ano eram 16 turmas, de 2º ano eram 5 turmas e de 3º ano eram apenas 3 turmas, demonstrando que o índice de reprovação e desistência era elevado.

No meu 1º bimestre eu ainda estava tentando entender como a escola funcionava, os meus horários e salas, porque lá quem trocava de sala eram os alunos e não os professores: cada aula era em uma sala diferente, em um corredor diferente. Me perdi várias vezes. No começo me guiei pelo pessoal da turma, ficava de olho e na sala que eles entravam eu entrava também, com o tempo fui me acostumando e decorando as salas e aulas. Além disso, a avaliação bimestral também era diferente, separada por áreas: exatas, humanas, códigos e linguagens. Essa prova valia 3,0 pontos, o restante da nota eram trabalhos, testes e atividades feitas em sala de acordo com a vontade do professor.

Foi depois da minha primeira semana de provas que descobri que exatas não era a minha área. Fui mal na prova e acabei reprovando em física e química, por serem matérias novas tive dificuldade em entender aquele conteúdo e todas aquelas fórmulas.

Meu pai foi na reunião bimestral e saiu dali apavorado, viu policiais dentro da escola, revistando alguns alunos, os diretores falaram que tinham alunos se drogando dentro da escola e no transporte escolar, fugindo da escola, e para completar eu tinha reprovado em física e química e as minhas notas tinham abaixado consideravelmente. Nesse dia, lembro que meu pai chegou pálido em casa, conversou comigo dizendo que

eu precisava estudar mais e só quando foi à noite e minha mãe chegou, ele contou tudo o que tinha visto na escola, que estava com medo de me deixar lá, porque a escola era muito violenta, os alunos se drogavam e eu tinha tirado notas baixas.

Nesse momento eu entrei na conversa, porque eles estavam conversando na sala e eu escutando tudo da cozinha, fingindo que estava lavando a louça. Falei que eu tinha tirado notas baixas porque as disciplinas eram difíceis, eu ainda estava me acostumando com a escola, com as provas e eles precisavam confiar em mim, porque droga e violência tem em todo lugar, mas cabia a mim decidir se ia usar ou não. Eles concordaram comigo, mas minha mãe me fez uma ameaça: se minhas notas não melhorassem eu voltaria para o Ursinho Feliz.

No CEM 02 do Gama, a recuperação só acontecia no último bimestre, logo eu tinha que melhorar minha nota nos próximos para recuperar a do primeiro. No segundo bimestre consegui melhorar minhas notas e conquistar a confiança dos meus pais. No final desse ano tive a oportunidade de participar de um projeto ofertado pelo INESC - Instituto de Estudos Socioeconômicos. Esse projeto durou um ano. Aconteciam encontros e oficinas nos horários das aulas e às vezes no turno contrário, fizemos várias atividades relacionadas ao direito, foi onde conheci o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), assistimos filmes como “saneamento básico”, fizemos oficinas artísticas de identidade e tiramos diversas fotos que representassem como nós víamos a nossa escola. Uma experiência INESqueCível.

Foi no Ensino Médio também que comecei a gostar de ler livros. Depois do episódio do livro sem fim eu nunca mais tinha lido algo que não fosse da escola. Como eu ia de ônibus para o CEM 02, reencontrei uma amiga que estudou comigo no São Francisco na 4ª série, contei que estava estudando no CEM 02 do Gama e ela me apresentou seus amigos que também estudam lá e pegavam aquele ônibus todos os dias no mesmo horário. Passei a encontrá-los diariamente, um dos meninos era metalheiro, compunha músicas, poesias e gostava muito de ler livros, tinha sempre um livro na mochila. No ônibus eu sempre lia suas músicas e poesias. Na escola estava adorando as aulas de filosofia e sociologia, ambos os professores estavam falando muito do livro “O nome da rosa” do Umberto Eco, resolvi que iria ler este livro. Cheguei em casa e falei para minha mãe que minha professora tinha pedido que a gente lesse este livro, pois ele iria cair no vestibular da UnB. Minha mãe o encontrou em um sebo e levou para mim, duvidando que eu leria aquela “Bíblia”. Minha irmã também duvidou. Eu levei meses para terminar, mas terminei. E depois desse pedi outro, mais outro e outro. Minha mãe reclamava que, ao invés de ficar lendo aqueles livros, eu tinha era que estudar. Mas eu adorava aqueles livros e assim comecei a gostar da leitura, das bibliotecas, livrarias e dos livros.

No final do meu 2º ano, minha mãe conseguiu um estágio para mim, onde ela trabalhava. Como estavam ameaçando fechar a FINATEC e na lei das empresas passou a ser obrigatório a presença do aprendiz-legal, de acordo com o número de trabalhadores que a empresa tem, a fundação fez o processo seletivo dando prioridade

para os filhos dos trabalhadores. Fiz a entrevista e passei. Uma das perguntas foi *Em qual área você acha que se sentiria mais a vontade ou gostaria de trabalhar?* Respondi que como sou comunicativa e lido bem com as pessoas, que gostaria de ficar em algum lugar que pudesse atender ao público. Então, fui auxiliar no atendimento do Centro de Ensino e Pesquisa em Segurança Veicular – CEPSV. Essa área era responsável pelas vistorias dos veículos encaminhados pelo Detran/ Denatran, lá eram vistoriados desde motos até carretas, transportes escolares e veículos a gás.

O programa Aprendiz Legal do CIEE funcionava da seguinte maneira: tinham que ser adolescentes entre 14 e 20 anos, que estivessem cursando o Ensino Médio e não trabalhassem no mesmo horário da aula. Eram 20 horas de trabalho, sendo que uma tarde íamos para o Curso teórico no CIEE. No meu caso era um curso técnico de administração, o contrato e o curso tinham 2 anos de duração. Como a FINATEC fica na Asa Norte, não poderia continuar estudando no Gama e por isso vim estudar no CEAN- Centro de Ensino Médio Asa Norte, que funcionava do mesmo jeito que o CEM 02 do Gama. A diferença é que os horários das aulas eram duplos, tínhamos dois intervalos de 15 minutos e a escola era menor. O meu 3º ano, ao contrário da maioria dos meus colegas, foi de muito trabalho, aprendizado e dedicação, porque além de estudar, tinha que trabalhar e estudar o dobro para conseguir passar na UnB.

O Ensino Médio acabou...E agora?

No último ano do Ensino Médio, começou aquela pressão por parte da família e da escola. Momento no qual querem que você responda aquela pergunta da infância: o que você vai ser quando crescer? Foi um ano de muitos testes profissionalizantes, pesquisas sobre as mais diversas profissões, de perceber afinidades com os conteúdos de humanas e parar para avaliar o que realmente gosto de fazer.

Diante das dúvidas, possibilidades e incertezas, uma determinação me movia, não importava o curso: queria passar na UnB. Ao longo daquele último ano, estudei com vontade, mesmo fazendo estágio na Finatec, onde fiquei dois anos e conheci a parte administrativa de uma fundação, aquela rotina de atender telefone, arrumar arquivo, tirar xérox de documentos, abrir ordem de serviço, fazer prestação de contas e emitir notas fiscais. Aquilo definitivamente não era o que eu queria, apesar de gostar muito do ambiente de trabalho e também das pessoas que estavam me auxiliando.

Na saída da Finatec e no caminho para a parada, sempre passávamos em frente à Vivendo e Aprendendo. Via todas aquelas crianças correndo no parque, subindo no trepa, nas árvores, girando no roda, tomando banho de mangueira em dias quentes. E foi aí que eu comecei a perceber que o que eu gostava era de trabalhar com crianças. Até então isso para mim não era trabalho e sim diversão, adorava brincar com os filhos dos vizinhos, ensinava brincadeiras novas, corríamos de um lado para o outro na rua. Era nesses momentos que eu me sentia feliz, quando aprendiam a subir em uma árvore sem a minha ajuda, quando aprendiam a falar helicóptero ao invés de “elicop”.

Pensei em várias profissões: pediatria, fonoaudiologia, psicologia e pedagogia, porém todas tinham um pé na medicina e eu nunca funcionei bem sobre pressão. Optei por pedagogia e passei no 1º vestibular de 2011 pelo PAS. A sensação foi de sonho realizado, eu cheguei lá! Agora eu sou uma universitária, e consegui finalmente encontrar a minha profissão, aquilo que eu realmente gosto de fazer.

Sonhando de olhos abertos

A chegada à Faculdade de Educação – UnB começou com um convite para participar da Semana de Recepção dos Calouros, uma recepção incrível preparada pelos veteranos. No começo fiquei com muito medo de ser um trote violento, mas já no primeiro dia percebi que a proposta era outra, totalmente diferente do que imaginei.

Não consegui participar de toda a programação, por causa do estágio, mas o pouco que participei já foi o suficiente para conhecer a UnB, a Faculdade de Educação e um pouco do curso de Pedagogia. Já na primeira semana de aula me deparei com diferentes estilos de professores e disciplinas. Oficina Vivencial foi uma disciplina acolhedora, com um professor que poderíamos tirar o R e deixar amando, porque era o amor que comandava nossas manhãs de quarta-feira. Em Investigação Filosófica me deparei com um professor diferente, não tinha plano de curso, não tinha avaliação e muito menos chamada, muitos chamavam isso de “picaretagem” e eu só fui entender as provocações que ele fazia em sala de aula quando me deparei com o projeto 3 de Práticas Pedagógicas Inovadoras.

Como cheguei nesse projeto?

Quando cheguei na Pedagogia, vi diversas áreas nas quais o pedagogo pode atuar e outra dúvida que surgiu foi onde irei trabalhar. Minha primeira curiosidade foi pelo ambiente hospitalar, tinha assistido o filme “Patch Adams- o Amor é contagioso”. O filme me emocionou e envolveu de tal maneira que despertou o meu interesse. Logo no primeiro semestre, fizemos um trabalho de Perspectivas do desenvolvimento humano, em que entrevistamos uma pedagoga da Classe Hospitalar do HUB. Durante a entrevista ela falou de um grupo chamado Bula do Riso que levava alegria para dentro do Hospital Universitário de Brasília- HUB, nos finais de semana, e como eu estava curiosa, talvez gostasse dessa experiência.

No segundo semestre descobri que um aluno da Pedagogia fazia parte desse grupo. Quando o conheci, no Centro Acadêmico da Pedagogia, falei da minha curiosidade e perguntei se poderia participar nem que fosse só uma vez. Ele concordou e no sábado daquela mesma semana, participei do projeto, mas o meu palhaço não surgiu e percebi que esse trabalho não era assim tão simples como eu pensei que fosse.

No final do meu segundo semestre acabou o meu estágio na Finatec e em uma viagem no feriado do dia das crianças para Palmas - TO, sofri um acidente automobilístico na estrada e nesse acidente perdi a mulher que sempre me acolheu, me ensinou a caminhar, me educou, acompanhou e guiou durante toda a minha caminhada até aqui, não existem palavras que descrevam a dor dessa perda. Perdi minha guia, minha mulher maravilha, minha flor do cerrado, minha mãe. E mesmo com toda essa dor eu tinha que seguir adiante. Fiquei umas duas semanas em casa, com o pé engessado e o coração dilacerado. Mas ficar em casa para mim era complicadíssimo, porque ela estava ali e eu não podia abraçá-la e nos momentos em que me distraía, aquela cena do carro capotando eu revivia.

Decidi voltar para faculdade, porque ali poucas pessoas sabiam o que tinha acontecido e eu poderia no mínimo desviar a atenção para as disciplinas e os amigos, que graças a Deus não ficavam me perguntando sobre o acidente. Ao contrário conversávamos sobre outros assuntos, isso não diminuía minha dor e nem a saudade que a cada dia aumentava no meu peito, mas me livrava daquela imagem do carro capotando e por uma questão de segundos minha vida virando de ponta cabeça.

Nesse semestre ocorreu o meu primeiro contato com a educação especial. Estava fazendo a disciplina *O educando com necessidades especiais*, em que conheci a professora Fátima, a professora que mais me acolheu e ajudou naquele momento. Visitei algumas escolas na Asa Sul, uma de Educação Especial para um trabalho de Organização da Educação Brasileira e outra de deficientes visuais. Saímos dessas escolas decepcionadas, na entrada tinha placa com o nome das crianças e na frente o diagnóstico. Mesmo com toda a estrutura, a escola era uma verdadeira gaiola e aquilo me incomodou.

No final da disciplina a Fátima me convidou para participar do seu Projeto 3 - Práticas Pedagógicas Inovadoras, no qual iríamos estudar a Vivendo e outras escolas com práticas diferentes. Como há muito tempo eu já observava aquela escola e desejava trabalhar nela, aceitei o convite.

No Projeto 3 - Práticas Pedagógicas Inovadoras fase 1,2 e 3, estudamos e conhecemos as instituições com práticas pedagógicas inovadoras no Distrito Federal e no mundo, estudamos a Casa dos Pássaros, a Vivendo e Aprendendo, a Moara, a Amorim Lima, a Escola da Ponte e o UWC. Algumas pessoas que trabalharam nessas instituições vieram falar um pouco de como a escola funciona, como foi pensada, o que tem de inovador e suas experiências dentro desses espaços; em outras, como a Casa dos Pássaros e a Vivendo, fizemos uma tarde de observação. Durante as observações conhecemos a rotina das escolas, os combinados, os projetos e vimos a diferença entre as crianças que estudam nessas escolas que são asas, em que as crianças têm liberdade, constroem a sua autonomia, aprendem a respeitar o outro e a natureza, aprendem a argumentar e defender a sua opinião, escutam os outros e aprendem a lidar com os conflitos, podem fazer as atividades e os desenhos do seu jeito, são respeitados, crescem em um ambiente onde são os protagonistas.; e crianças que estudam em escolas que são

gaiolas, em que são obrigadas a fazer as atividades do jeito que a professora mandou, tendo que ficar quietos, sentados na cadeira, olhando para o quadro.

Com o projeto aprendi a dar voz à criança e escutar o que ela quer dizer.

Como precisava encontrar algum estágio para conseguir me manter na faculdade, entreguei meu currículo na Associação Pró-educação Vivendo e Aprendendo, porém fui informada que o processo seletivo já estava encerrado, deixei no banco de dados. Nessa mesma semana abriu o processo seletivo para o Programa de Educação Tutorial - PET - Educação / UnB, e como eu já tinha participado de um Sarau Cultural na Estrutural, conhecia alguns integrantes e inclusive a tutora, resolvi participar do processo seletivo. Escrevi uma carta de intenção, respondi um questionário, fui à entrevista e passei como bolsista.

PET - Educação: construção coletiva?

Tão importante como escutar uma palestra ou ler um livro é escutar-se, escutar a si próprio, verificar a coerência entre o ato e a teoria. E saber fundamentar aquilo que se faz, assumindo compromissos. A teoria converte-se em ação, quando assumida em situações reais.

(José Pacheco).

Dentro do PET-Educação existia um discurso muito forte sobre construção coletiva, que nós somos um grupo e como tal podemos construir juntos, mas na prática as coisas não funcionavam dessa maneira. Tanto por parte da tutora quanto de alguns petianos, o discurso não estava presente em suas práticas, nossas reuniões pedagógicas nas quais deveríamos pensar e refletir sobre nossas práticas nos diferentes espaços em que o grupo atuava, eram bombardeadas de falas autoritárias por parte da tutora e de desinteresse por parte de alguns petianos. E nesse mesmo grupo estavam petianos que como eu, estavam trabalhando em campo, um grupo no CEAN, com o Projeto Lente Aberta e outro no Coletivo da Cidade Estrutural, com oficinas de Artes, Cultura Popular e Direitos Humanos. Éramos um grupo de 14 petianos, sendo que apenas 6 estavam em campo.

No começo eu, Heloá, Yuri e Victor fomos para o CEAN com o Projeto Lente Aberta, que nós pensamos em um momento de planejamento anual. O Victor pensou no projeto e como eu era ex-estudante dessa escola e conhecia o diretor, professores e funcionários da escola, me propus a ajudá-los a entrarem na escola e também participei de alguns momentos. Conversando com o diretor, ele explicou que iriam começar a

trabalhar com as oficinas de reforço, redação, horta, entre outras, e que o Lente Aberta poderia entrar nesse espaço. Divulgamos o projeto pelas salas do 1º ano vespertino; no dia seguinte começaram as inscrições e na outra semana já começamos efetivamente com o projeto. Por uma questão de horário das oficinas não pude continuar no projeto, mas deixei essa porta aberta para que eles pudessem continuar construindo naquele espaço.

Procurei dentro do grupo outro espaço onde poderia trabalhar de acordo com o horário que tinha livre, foi quando eu, junto com a Natássia, a Fernanda e a Suzanne, começamos a conversar com o Coletivo da Cidade Estrutural sobre a possibilidade de começarmos as oficinas de Artes, Cultura Popular e Direitos Humanos. Conseguimos o horário da quarta-feira a tarde, com uma turma de aproximadamente 15 crianças entre 8 e 13 anos. Esclareço desde já que o Coletivo da Cidade Estrutural é uma entidade que desenvolve o atendimento de crianças e adolescentes no contraturno escolar, oferecendo práticas artísticas e educativas como meio de transformação social.

Dentro do coletivo nós planejamos oficinas com base nas artes, cultura popular e direitos humanos. Práticas pedagógicas corporais, artísticas e educativas tecem e atravessam as questões e temáticas que foram surgindo durante os encontros.

Foram ao todo cerca de 10 encontros antes das férias escolares das crianças, cada dia um novo despertar. Ao longo dos encontros fomos conhecendo cada uma delas e ganhando confiança, trabalhamos o respeito ao próximo, o despertar de cada dia, danças regionais como o frevo e o maracatu, cultura afro-brasileira, violência e preconceito.

Dentro do Coletivo da Cidade Estrutural vi na pele o quanto é desafiante atuar com crianças em vulnerabilidade social, crianças que acordavam com barata na cara, crianças que só comeram uma manga o dia inteiro e que o lanche do coletivo seria a sua primeira refeição do dia e quem sabe a única; crianças que acordam com barulho de briga na rua, crianças que são chamadas de macacas pelos colegas na escola, crianças que veem briga na escola todos os dias e não falam com a professora porque têm medo de serem levadas para direção ou de apanharem dos colegas depois. E ao mesmo tempo, crianças que brincam, dançam, namoram, falam dos pais com admiração, carinhosas, inteligentes, dedicadas, desinibidas, questionadoras e curiosas.

Quando pegávamos o ônibus para voltarmos para casa, sempre nos questionávamos sobre o direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, não só das crianças, mas dos moradores da Cidade Estrutural. Na entrada da Cidade está o comércio, o posto policial, o posto de saúde, o CREA, as escolas e o restaurante comunitário. Nos fundos da cidade está o lixão, as igrejas e as moradias.

Planejávamos nossas atividades pensando no respeito, na solidariedade, na comunhão, na união, no contentamento e na felicidade das crianças, muitas vezes mudamos nossos planejamento ou acrescentávamos ingredientes sugeridos por elas, que esperavam ansiosas pelo nosso encontro.

E nós que procurávamos refletir sobre o que estávamos fazendo, sempre pensando no encontro anterior para planejar o próximo, que íamos para a Reunião Pedagógica do Pet-educação com vontade de compartilhar nossos encontros, de refletirmos sobre nossa prática, de pensarmos em diferentes atividades, em diferentes formas de ajudar o Coletivo, as crianças e a cidade. Nesse espaço pedagógico de construção coletiva, conversávamos sobre degravação do ciclo de Debates, o Moodle como novo meio de comunicação do grupo, a exposição de fotos das mulheres na Estrutural, o local da reunião, catalogação dos livros do saber coletivo entre outras pautas. Nossas reuniões eram administrativas e não pedagógicas, nós éramos tarefeiros e não construtores, não construímos e nem pensamos o II Ciclo de Debates em Direitos Humanos, nós não construímos e nem pensamos a exposição de fotos das mulheres da Estrutural, nós não construímos e nem aceitamos o Moodle como único meio de comunicação do grupo.

Nós construímos e pensamos o Lente Aberta, nós construímos e pensamos Oficinas de Artes, cultura popular e direitos humanos na Cidade Estrutural, nós construímos e pensamos um grupo do gmail do PET-Edu e um grupo no facebook com a comunidade da Faculdade de Educação, nós construímos e pensamos coletivamente enquanto grupo autônomos que somos.

Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação - Projeto 5ª Dimensão.

Expandindo o olhar e quebrando paradigmas!

O Projeto 5ª Dimensão criado originalmente por Michael Cole na Universidade da Califórnia, San Diego, traz em sua matriz a importância das atividades lúdicas na educação. De acordo com COLE (2006) “Promoting play was a particularly prominent objective in Fifth of Dimension design, both for the practical reason that it would attract elementary-age children after school and for theoretical reason that play promotes and creates essential resources for development . Computer games and other playful Fifth of Dimension artifacts were included in the design in part for both of these reasons.”

Essa e outras características identitárias do Projeto 5ª Dimensão têm sido difundidas pelo Brasil no contexto da neuroreabilitação de crianças com lesão cerebral dentro da Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação nos pólos em Brasília-DF, Rio de Janeiro-RJ, São Luiz- MA e Belém – PA.

Participando do Projeto Quinta Dimensão tive a oportunidade de conhecer melhor a Rede Sarah, a Equipe, a microcultura 5D, as crianças e suas famílias. A primeira semana de treinamento foi essencial para conhecer o projeto 5D, sua origem e história,; e um primeiro contato com as ferramentas norteadoras como o Labirinto, cuja função é sugerir atividades para as crianças, criando um ambiente desafiador para que a criança tenha vontade de passar por todas as salas e explorar todas as cartas mágicas. O 5DNet que é uma rede social onde cada criança e estudante tem o seu perfil,

compartilha fotos, vídeos, conta casos e até planeja atividades. O Og@MM que é uma figura mítica, que envia mensagens parabenizando, impondo limites, sugerindo alguma atividade, que tem uma relação amigável com as crianças e que estimula a imaginação e a fantasia de todos e as Assembleias que são feitas para resolver conflitos e fazer os combinados.

No decorrer de um ano fui me apropriando mais dessas ferramentas, explorando os jogos do Labirinto em que cada sala propõe novos desafios, acompanhando a relação que cada criança mantém com o Og@MM, a maneira como eles lidam com os novos estudantes e as novas crianças do projeto, como cada um cria o seu perfil no 5DNet e compartilha aquilo que mais gostou com os demais colegas; participei de várias Assembleias onde as crianças fizeram os seus próprios combinados, notei como elas se apropriaram dos mesmos com o passar do tempo e como elas passaram a negociar, a argumentar e a interagir mais entre si.

Com o Projeto Quinta Dimensão aprendi o que é um diagnóstico e um prognóstico, o que é a Paralisia Cerebral e o Traumatismo Crânio Encefálico, como é um tratamento individualizado, em que casos deve-se usar medicamentos ou não, como uso desses medicamentos pode mudar o comportamento e a vida desse sujeito. A capacidade que essas crianças têm de aprender a ler e a escrever, de fazer cálculos, de jogarem videogame, de ter uma vida normal.

No decorrer das tardes, aprendi bastante com cada criança tentei voltar o meu olhar sempre para o potencial, para aquilo que ela pode e é capaz de fazer e desenvolver. O fato de não ser uma relação do tipo professor-aluno ou médico-paciente, faz com que a tarde seja prazerosa, de aprendizagem mútua. Ficamos menos nervosos e preocupados vemos a criança como um amigo que você passa a tarde brincando e conversando sobre assuntos em comum ou cotidianos, o que propicia um ambiente de descontração e aprendizado simultaneamente.

Os diários de campo eram importantes instrumentos para refletirmos sobre a nossa prática, sobre como foi a tarde, como cada jogo influencia e estimula o desenvolvimento, buscar resposta para alguma dúvida que tivesse ficado e até para vermos como as crianças e nós, estudantes, mudamos e aprendemos ao longo do projeto.

Nas reuniões das 14 horas respondíamos as mensagens do Og@MM, planejávamos a tarde, atividades em grupo e explorávamos os jogos que ainda não conhecíamos. As reuniões das 17 horas tinha um caráter mais reflexivo sobre o que aconteceu de relevante durante a tarde que nos chamou a atenção, algum conflito que tivesse surgido, analisando sempre o desenvolvimento da criança a partir da nossa mediação, trazendo leituras complementares, discutindo os textos, respondendo nossas dúvidas, dando contribuições para que nós pudéssemos refletir cada vez mais e melhor sobre as tardes.

O acompanhamento que o Sarah mantém com a criança, a escola e sua família é primordial para entendermos a realidade de cada sujeito, suas questões biológicas, o seu desempenho escolar, o seu convívio familiar, o seu comportamento nos diferentes contextos sociais dos quais faz parte. Pudemos ver como cada família tem uma maneira diferente de lidar com a criança, como cada uma convive com a deficiência; nos grupos de pais sempre compartilhavam as dificuldades e o ganho das crianças.

Participar do projeto me fez crescer como ser humano, rompeu com o meu medo diante do diferente e com o conceito de Paralisia Cerebral: o cérebro não parou, o diagnóstico não é a criança, cada ser é único e especial, ninguém vem com manual de instrução, com slogan de compra e venda. Nas palavras do mestre “nascemos nus, partimos nus, nada nos pertence”.

Associação Pró-educação Vivendo e Aprendendo

Somos do tamanho dos nossos sonhos!

(Fernando Pessoa)

Passar no processo seletivo para estagiário da Vivendo foi como passar no vestibular da UnB, um sonho realizado. Sempre admirei essa escola, via as crianças tomando banho de mangueira nos dias quentes, correndo pelo parque, andando descalças e trocando de roupa, sem receio de mostrar o corpo e se expressar. E desde então, trabalhar nessa escola virou um sonho, um objetivo de vida.

Dentro da escola como educadora minha admiração só aumentou, os processos administrativos, a participação dos pais, os planejamentos, as crianças, os ciclos, as verticais, a coordenação, as reuniões pedagógicas e os espaços para o diálogo, para a resolução dos conflitos, para o compartilhamento das práticas e dúvidas. Esses espaços com todos os sujeitos, com todas as divergências e consensos, mudou a minha visão de escola, de vida e de sociedade.

Trabalhar coletivamente é um exercício diário, é conviver no sentido de viver com e não apenas tolerar, é respeitar o próximo mesmo que você não concorde com o que ele diz, é pensar, repensar e refletir diariamente dentro da escola e com a comunidade escolar.

Um dos grandes eventos para refletir os processos da Associação foi o Seminário Interno 2013 – O que vivemos e aprendemos?. Esse evento aconteceu nos

dias 18,19 e 20 de abril, cujo objetivo era discutir e refletir sobre os processos pedagógicos como: a culinária, a alfabetização e o letramento, a novidade e os projetos. E o processo associativo como: as instâncias, as comissões e os combinados.

Participando dos ciclos de debates e refletindo sobre os processos pedagógicos da Vivendo e da minha experiência com o Ciclo 3, durante a discussão sobre a alfabetização e o letramento várias questões surgiram no meu ser como: Que sentido isso tem para a criança? Qual é o sentido de ler um livro na roda para seus colegas? Qual o sentido de contar uma história? Qual o sentido de escrever o próprio nome? O que isso significa para ela? Por que a família se angustia tanto com esse processo? É algo cultural ou não? Como a Vivendo vê e trabalha a alfabetização e o letramento? É obrigatório? Tem um jeito vivendês? Cada professor trabalha de um jeito? Tem uma idade certa? E desde então eu venho refletindo sobre essas e outras questões que a Vivendo nos faz pensar.

ENSAIO

Vivências com os processos de alfabetização/letramento em uma escola de educação infantil inovadora: entre formigas e piratas.

Indagações

No tempo em que me dediquei ao estágio acadêmico obrigatório do Curso de Pedagogia – o Projeto 4 *Práticas Pedagógicas Inovadoras* - em uma escola de educação infantil inovadora, estive intensamente instigada, curiosa e atenta às descobertas e indagações que as crianças elaboravam com relação à escrita e à leitura.

Em diferentes momentos do dia suas questões surgiam com um profundo desejo em saber para que serviam as letras, a escrita e a leitura. Constantemente escutava as dúvidas e desejos de crianças entre 3 e 5 anos de idade. Muito atenta, anotava, em meu diário de bordo, suas falas, observações, atitudes e hipóteses a respeito dessas questões. Descobri no diário de bordo um instrumento de trabalho e pesquisa no qual poderia registrar memórias, acontecimentos, dúvidas e reflexões sobre minha prática pedagógica e os desafios em sala.

Por meio da escrita deste diário com minhas dúvidas, descrições, práticas, reflexões, narrativas e percepções, fiz um recorte focal nos processos de alfabetização/letramento, trazendo as crianças nesse processo, suas dúvidas, curiosidades, desejos e descobertas. Similarmente, afirma Barbier (2002, p.135): “ Por certo, o escritor fará a escolha dos acontecimentos respectivos com toda sua prudência deontológica e a respeito das pessoas, mas uma parte será exposta e, na mesma oportunidade, exporá uns e outros em relação a outrem”. Em resguardo à segurança e a integridade dos sujeitos envolvidos, os nomes aqui citados são de caráter fictício.

Para além da sala de aula, escutava dúvidas e angústias das famílias da escola com relação ao método de alfabetização, o tempo ou momento “certo” de alfabetizar, como a escola vê e trabalha essas questões com as crianças. Em conversas informais, enquanto tomava um café, preparava a festa da escola ou esperava os convidados, durante e após as reuniões bimestrais, conversando com pais e mães que tinham saído há muitos anos da escola, observei e senti que essas indagações instigam e incomodam também as famílias que por anos têm acompanhado a escola, sendo constantemente discutidas e rediscutidas dentro da instituição. Concordo com Barbier (2002) ao afirmar que: “A informação que aparece nos momentos informais da pesquisa é tão legítima como a procedente dos instrumentos usados. Isso influencia na definição dos instrumentos de pesquisa e dos processos de construção da informação”. (p.57)

Uma das discursões mais recentes sobre o assunto ocorreu no “Seminário Interno 2013: O que estamos vivendo e aprendendo?”. Nesse seminário existiam diferentes temas sendo discutidos a respeito da rotina da escola. Durante o primeiro dia os temas dos grupos de discussão foram: novidade, culinária, projeto pedagógico e alfabetização/letramento. No segundo dia os temas foram: instâncias, combinados e

comissões. Familiares, professores e coordenadores participaram dos grupos de discussão. Participando da discussão final do tema alfabetização e letramento, *percebi* nos cartazes elaborados, as angústias e questionamentos da comunidade escolar e fiquei preocupada, pois senti falta da criança, do seu interesse, da sua voz sendo representada naquele espaço. Os cartazes estavam divididos em 3 colunas: *Gostamos, Não gostamos e Propomos*. Os grupos discutiam, chegavam a um consenso e escreviam ali seus sentimentos e ideias sobre o assunto. O conteúdo desse trabalho será um dos materiais de reflexão deste ensaio.

Após essa discussão sobre a alfabetização e o letramento na Vivendo e Aprendendo, várias questões sobre o tema surgiram na minha cabeça. Acompanhando as crianças em sala e percebendo o seu interesse sobre *como se escreve* ou *posso ler um livro na roda hoje?*, me perguntei: de onde vem esse interesse? Será que existe uma idade certa? Por que não pode partir do interesse das crianças? Será que na Vivendo existe um método de alfabetização? Ou será que cada professor faz do seu jeito e de acordo com a demanda do grupo? Qual o seu referencial teórico? É um processo? Se é um processo, por que existe uma pressão tão grande no ciclo 5 para que as crianças saiam alfabetizadas? Por que na Vivendo a alfabetização não é obrigatória? O que fazer diante de tantas dúvidas?

Estando implicada com os processos de alfabetização e letramento dentro da Associação Pró-educação Vivendo e Aprendendo há um ano e meio, como educadora dos ciclos 3 e 4 e acompanhando as dúvidas, curiosidades, interesses e descobertas das crianças, as perplexidades e questionamentos dos pais e também as minhas indagações, implicações, estudos e reflexões como educadora é que surge então essa pesquisa-ação. De acordo com Barbier (2002, p.14): “A pesquisa-ação obriga o pesquisador de *implicar-se*. Ele percebe como está *implicado* pela estrutura social na qual ele está inserido e pelo jogo de desejos e de interesses de outros. Ele também *implica* outros por meio do seu olhar e de sua ação singular no mundo”.

Ao longo destes três semestres na Vivendo vivi projetos pedagógicos incríveis com as crianças. Calma! Primeiro explicarei o que são projetos pedagógicos. A Vivendo baseia seu trabalho pedagógico a partir do interesse das crianças, isso quer dizer que os professores devem estar atentos e sensíveis às vontades e curiosidades expressas pelas crianças. Quando o grupo de crianças demonstra-se interessado por um mesmo assunto, surge então o projeto. Por exemplo, no ciclo 3 as crianças estavam demonstrando no início do ano uma curiosidade a respeito do corpo: por que que o cabelo dela é liso e o meu é cacheado? Quem é maior eu ou você? Por que meninas fazem xixi sentadas e meninos fazem xixi em pé? Qual é o formato do meu corpo? Por que ele tem olho puxado? Então, passamos a estudar o corpo humano de uma maneira lúdica e descontraída, trabalhando todas as áreas do conhecimento a partir do tema gerador corpo humano. Depois, com a volta das férias, as crianças estavam animadas com as viagens, os lugares do Brasil e do mundo. E ao mesmo tempo, impressionadas com as diferentes espécies de formigas que encontravam pela escola. Assim surgiu nosso

segundo projeto, *As Formigas do Mundo*. Descobrimos as formigas da Vivendo e do mundo.

Já no ciclo 4 a visita de uma figura inusitada e misteriosa nos levou a navegar no Projeto “*A Sociedade Secreta dos Piratas: O pirata que há em nós*”. Um pirata também conhecido como Barba Rala veio nos apresentar um jogo desafiador e interessantíssimo, o batalha naval, mas ficamos tão interessados por sua história, por saber como é a vida de um pirata, suas batalhas e aventuras, que topamos o desafio: fazer parte da Sociedade Secreta dos Piratas! Um desafio difícil, cheio de perigos e aventuras.

Alvo

Tem razão o Juarez, quando diz que não há tarefa impossível, quando ao desejo do coração se somar a verdade da intenção.

(José Pacheco)

Antes de lançarmos um dardo em direção ao alvo, temos a intenção de lhe acertar o centro, o coração. Voltamos nossas mãos para trás, fichamos nosso olhar no ponto que queremos acertar e só então lançamos o dardo em sua direção.

Este voltar-se para trás, nos remete a um momento passado, é um revisitar que te impulsiona para frente.

Este olhar para o ponto, nos remete a um momento presente, é o aqui e o agora.

Este lançamento nos remete a um momento futuro, é um ir de encontro ao.

Meu alvo é refletir sobre os processos e práticas de alfabetização/letramento em uma escola alternativa de educação infantil.

Tenho em mãos estes dardos: REVISITAR os processos de alfabetização e letramento na Vivendo e Aprendendo com base nos estudos de Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Marlene Carvalho, Magda Soares, Paulo Freire e Madalena Freire. DIALOGAR com as práticas de alfabetização/letramento em sala de aula por meio de projetos pedagógicos construídos com as crianças. REFLETIR acerca das dúvidas, curiosidades e interesses das crianças sobre a escrita e a leitura. CONTRIBUIR para o envolvimento da família com relação aos saberes e competências de leitura e escrita das crianças. INCENTIVAR a comunidade escolar a aprofundar sua formação em novos paradigmas e referenciais no âmbito da ALFABETIZAÇÃO e do LETRAMENTO.

Você está preparado para embarcar neste mar de dúvidas, reflexões, diálogos, observações, perplexidades, aventuras, desafios e descobertas, feitas ao longo de uma viagem a um momento passado, em um momento presente e em direção a um momento futuro? Então, dê o seu primeiro passo.

Primeiro passo: de onde e com que eu falo?

Uma longa viagem começa com um único passo.
(Lao-Tse)

Minha viagem começa no processo seletivo para estagiário na Associação Pró-educação Vivendo e Aprendendo, em outubro de 2012. Como digo no meu memorial, já observava do lado de fora esta escola desde 2010. Via crianças correndo pelo parque, tomando banho de mangueira em dias quentes, andando em pernas de pau, pulando, correndo e brincando com uma alegria contagiante em seus rostos. Em 2011, fiz a minha primeira observação nessa escola por meio do Projeto 3 *Práticas Pedagógicas Inovadoras* da UnB. Lembro que tínhamos acabado de ler uma das revistas da escola “Escrevendo e Aprendendo” de 2004.

Quando, no Projeto 3, observei o ciclo 5, fiquei encantada com a proposta. Fui chamada para o processo seletivo em 2012, e observei durante três manhãs, três ciclos da escola. Lembro que o título do relatório que fiz para o processo seletivo foi “O vôo da autonomia”.

Esse foi o meu primeiro passo para fazer parte desta associação e quero compartilhá-lo com vocês.

O vôo da autonomia

Vivendo & Aprendendo!

Queria contar tudo o que observei nessas duas manhãs de segunda-feira e a de terça-feira, as histórias foram ótimas, mas vou relatar alguns pontos que realmente chamaram a minha atenção. Vou começar falando que a vivendo tenta transformar a escola em um ambiente mais familiar, as salas na verdade são casas, casa azul, rosa, verde, roxa, laranja e amarela, em cada casa tem um banheiro, uma caixa de correio e bilhetes, um espelho, um gancho de mochila, um filtro, copos, mesas que sempre formam um mesão, que ora é uma mesa de lanche ora é uma casinha, vários banquinhos, um tatame com várias almofadas, estantes com livros, brinquedos e diversos materiais, um quadro negro que tem giz, mas falta apagador.

Cada casa tem a sua rotina e o seu ciclo, os ciclos variam de acordo com a idade das crianças, sempre somando o número do ciclo +1. No Ciclo 1, por exemplo, estão as crianças com 2 anos.

Observei os ciclos 1, 3 e 4 e agora vou narrar algumas vivências de cada ciclo.

No ciclo 1 a primeira roda era sobre: Som e Silêncio. A professora pergunta:

- O que é barulho?

Uma criança responde batendo a almofada no chão e dizendo que aquilo é barulho.

- O que é silêncio?

- Silêncio é quando não batuca!

- Vamos ficar todos em silêncio?

Todos fazem silêncio.

- O que você ouviu no silêncio?

- O barulho da cigarra!

- Existem diversos tipos de barulhos: barulhos de vibrar, de cantar, de bater, podemos fazer barulho com a boca, com as mãos, com o pescoço, com todo o nosso corpo.

As crianças vão tocando seus corpos e fazendo barulho.

Fora:

- Como é que se brinca de pique – pega?

- Assim ó! E lá se foi a criança correndo descalça pela grama.

- E agora quem vai ser o pego?

Uma criança corre enquanto todas as outras tentam pegá-la, na euforia da brincadeira, puxavam a camisa do colega com força e ele dizia: Não gostei!

Depois sentados em roda na grama cantaram:

A Baleia, a Baleia é amiga da Sereia, olha o que ela faz: TIBUM CHUÁ! (todos cantavam e faziam a coreografia).

A próxima música foi:

Rola, enrola, rola, enrola, PUXA, PUXA, pega no cabelo da Bruxa!

Nessa música as crianças escolhiam a parte do corpo queriam pegar, pegaram na barriga, no nariz, no sovaco, na mão, no olho, no bumbum, no ombro, no pescoço e nas costas. Quando não sabiam dizer o nome da parte do corpo que elas queriam pegar apontavam.

Essas vivências mostram como as crianças estão começando a perceber e a sentir o seu corpo, os sons que podemos fazer com ele, quais são as partes do corpo, como controlar o nosso movimento, a nossa euforia e impulsividade. Com as cantigas estamos explorando também a fala dessas crianças, o ritmo e a musicalidade. Nesse

momento já se começa a trabalhar o não gostei e criar os combinados como não bater no coleguinha.

Do ciclo 1 para o ciclo 3:

Hora do lanche:

Todos sentados em volta da mesa, cada um traz o seu. Até que uma delas pergunta:

- Quem quer biscoito?

- Eu, eu , eu ,eu.

- Xii vamos ter que fazer uni du ni tê!

No final todas as crianças comeram do biscoito, do bolo de arroz, do abacaxi, da melância e tomaram diferentes sabores de suco.

Eis que uma das meninas tira uma roupa da mochila e diz:

- Olha! Sua calça combina com a minha blusa!

No meio da sala, as meninas trocam de roupa.

Essa vivência demonstra como as crianças dividem as coisas com as outras e não estão apegadas aos bens materiais, compartilham os lanches, as roupas e os brinquedos, mas principalmente não têm vergonha do seu corpo, de ser como são.

Do ciclo 3 para o ciclo 4:

Meninos se olham no espelho, levantam os braços e dizem:

- Olha! Sou mais forte que você!

Até que vem o Paulo se olha no espelho e diz:

- Orgulho do meu barrigão turbinado!

Paulo quebra o velho paradigma de que a força está no tamanho do muque da pessoa e diz que a sua força vem da sua barriga e que ele tem orgulho de ser gordinho. Isso se chama identidade!

2ª atividade do dia: DESAFIO!

Combinado:

- Não pode falar na vez do coleguinha.

Professores x crianças. O desafio é: a letra que sair, eu vou apontar para uma criança ela vai me dizer o nome da letra e vocês vão escrevê-la no quadradinho, saíram as letras: O,D,M,H,E,R,J,T,S X.

Como as crianças estavam acertando todas, o desafio mudou, agora a criança sorteada teria que falar alguma palavra com aquela letra. Saiu o seguinte: I- Iguana, A- Marcus, B- Bruna, P – Pum, Y – Ruy, B – Bingooo!

José sempre perguntava:

- Larissa, tudo bem se... Eu fizer o X assim?!

- Claro José! Esse é o seu X cara, não tem problema.

Pontos comuns entre os ciclos:

A rotina da vivendo se repete, com temas diferentes. Na segunda-feira, por exemplo, o dia começa com roda das novidades, depois elas vão para o parque, do parque voltam para a sala e lancham, após o lanche, escovam os dentes e vão fazer alguma atividade lá fora, depois voltam para sala e é o momento da 2ª atividade, após a segunda atividade é a roda de história, depois voltam para casa.

O processo de alfabetização acontece ao longo de todos os ciclos, o que não acontece de uma maneira metodológica, cobrindo as letrinhas ou ligando os pontinhos, com as rodas de história desde o ciclo 1 as crianças ficam atentas aos textos, aos sons de cada letra e aos poucos vão desenhando as suas primeiras letras, identificando o som e a letra.

As crianças ficam descalças, trocam de roupa, pegam lagartixas, cigarras, lagartas e besouros, gostam e respeitam os animais, a natureza e o coleguinha. Em situações de conflito todas dizem: - Não Gostei! E se for preciso pedem desculpas.

20% das crianças chegam atrasadas.

No momento do parque, não importa de qual ciclo você seja eles se misturam, dividem o balanço, a roda, o trepa, os brinquedos, esperam a sua vez de pular corda ou de brincar de cabo de força, correm de um lado para o outro descalços ganhando anticorpos, tiram a roupa sem ficarem tímidos, sobem nas árvores, não tem medo de altura. Quando o Galo canta, guardam os brinquedos. As crianças, os pais, as professoras, os estagiários e a comunidade da Vivendo, seguem vivendo e aprendendo e eu adoraria viver junto com vocês.

Atenciosamente,

Cristiane Fernandes.

Estudante de Pedagogia-UnB 4º semestre.

Estas são as minhas primeiras impressões. E a seguir? O que descobri sendo educadora neste espaço? Como o percebo? Não fique aí parado em primeiras impressões! Coragem! Vá em frente!

Descobrimos uma Associação e uma escola em seu interior.

Mas, por que associação? Afinal, estamos falando de uma associação ou de uma escola?

De acordo com a revista “Escrevendo e Aprendendo” (2004): “A VeA é uma associação e também é uma escola, o que se traduz num impasse no cerne mesmo de sua proposta. Do ponto de vista da associação a ideia é incluir os pais na experiência pedagógica, do ponto de vista da escola é barrar os pais. O que deixa a equipe pedagógica num conflito, tateando no escuro diante das demandas tão díspares.” (DUTRA, 2004, p.35).

A Vivendo é para mim uma associação e uma escola, pois como afirma Rodrigues (2011): “Por meio de cada família que chega, cada educador(a), cada coordenador (a), cada colaborador(a) que se tornam associados e assim, deixam marcas, a Vivendo se recria. E cada pessoa que por ali passa se torna um elemento fundamental para a construção autônoma desse espaço, pois é com a participação e com as características de cada um(a) que a identidade da Associação é construída.” (p.21)

Neste espaço prevalece a construção coletiva, o diálogo e a colaboração de pais, professores, coordenadores, colaboradores, pessoal do apoio e administradores. Isso faz da Vivendo uma escola inovadora que vai no sentido de construir com todos, por todos e para todos.

Por isso, neste trabalho falo de uma associação que é também uma escola inovadora. Um espaço onde os pais têm a liberdade de participar da gestão, do cotidiano e do fazer pedagógico junto com os educadores e seus filhos. Falo de uma associação na qual pais, professores e coordenadores compõem as instâncias democráticas e trabalham juntos em prol de um ideal educacional.

As instâncias democráticas da escola são compostas por pais e professores que são eleitos em Assembléia Geral com a participação de todos os associados. As instâncias são: Diretoria, FAAP e Conselho Pedagógico.

De acordo com a Revista Escrevendo&Aprendendo (1999): “A Diretoria é um órgão eletivo, delegado em Assembléia Geral, que executará ações de coordenação e administração geral da entidade.” (ASSOCIAÇÃO, 1999, p.9). Segundo o Estatuto da Associação(2007) as normas que regem esta instituição “Art.19 – A Diretoria é composta por:

- a) Presidente;
- b) Vice-presidente;
- c) Primeiro secretário
- d) Segundo secretário;
- e) Primeiro Tesoureiro;
- f) Segundo Tesoureiro;

§ 1º - Não poderão compor a Diretoria parentes entre si até o 2º (segundo) grau em linha reta ou colateral.

§ 2º - Perderá automaticamente o cargo, o membro da Diretoria que faltar, sem justificativa, a 3 (três) reuniões ordinárias consecutivas ou a 6 (seis) durante o ano.”

O FAAP – Fórum de Admissão Avaliação e Progressão – é responsável pela admissão, avaliação e progressão dos profissionais. Sendo que a avaliação e a progressão acontecem semestralmente e/ou anualmente e admissão sempre que necessário abre-se um processo seletivo. O FAAP é composto por no mínimo: 1 coordenador pedagógico, 1 coordenador psicológico, 1 professor e 1 pai.

O Conselho Pedagógico discute e reflete sobre o fazer pedagógico da escola. O conselho conta com no mínimo: 1 representante da Diretoria, 1 Coordenadora psicológica, 1 coordenadora pedagógica 1 representante dos professores , 1 representante dos pais.

É importante salientar que as pessoas que ocupam os espaços democráticos da instituição não recebem gratificações por delas participarem. Vale ressaltar também que esta é uma associação sem fins lucrativos, todo o dinheiro arrecadado com as mensalidades volta como salários dos funcionários, materiais pedagógicos e eventuais reformas do espaço. Falo também de um espaço conhecido como sala de aula.

Mas...o que é uma sala de aula na Vivendo e Aprendendo? Entre pela porta, à sua frente estarão duas salas, surpreendentes!

Nas salas azul e rosa, uma rotina aventureira!

Eurípedes dizia no fim de suas tragédias que: “os deuses nos causam grandes surpresas, não é o esperado que chega e sim o inesperado que nos acontece.

(Edgar Morin)

Falo de um espaço conhecido como sala de aula. Espaço este que esteve sempre de porta aberta para as crianças, as famílias, os educadores, os coordenadores, os colaboradores, as formigas, os piratas e tudo que fosse de interesse das crianças.

Uma sala a princípio azul com 14 crianças entre 4 e 5 anos de idade, com 2 educadoras. Um espaço físico com um tatame com almofadas coloridas, 2 armários para guardar os materiais pedagógicos, duas estantes repletos de livros infantis, um banheiro com chuveiro, vasos e pias adequados a altura das crianças, 4 mesas que juntas formavam um mesão, um avião, uma casinha, um barco, um trem, um esconderijo e um salão. Um filtro com água e do lado os copos de cada criança. Uma porta e duas janelas. Um gancho no qual as crianças dependuram suas mochilas e lancheiras. Uma caixa de sapatos e outras 3 de brinquedos e legos.

Uma sala rosa com 12 crianças entre 5 e 6 anos de idade, com 1 educador e 1 educadora. Um tatame sem almofadas, um armário, uma estante da altura das crianças com os potes que elas fizeram para guardarem o material pedagógico da sala (lápiz, canetinha, carvão, escova de dente, pasta, giz de cera e pincéis. Uma estante de livros infantis, uma estante com as caixas de trabalho das crianças, enfeitadas por elas, na qual cada uma cuida dos seus trabalhos. Um quadro negro, com giz e sem apagador. Um filtro com os copos dependurados ao lado, um banheiro, uma porta e 3 janelas.

Fora da sala de aula, existe um chuveirão para os banhos em dias quentes, um galpão, árvores, rampas, um parque amplo, onde as crianças podem correr e brincar livremente nos seus balanços, no roda, trepa, escorregadores e no gramado a sua volta.

Uma cozinha onde preparamos nossas culinárias, um galpão onde fazemos teatros, brincamos em dia de chuva e fazemos diversas atividades.

Falo de uma rotina.

Para explicar essa rotina recorro à revista “Escrevendo e Aprendendo” (HURTADO, 2004, p.15), para melhor exemplificá-la:

“Roda inicial: Todos juntos sentados no tatame, fazendo construções com toquinhos, legos, fantoches, brinquedos (é necessário no início que sempre haja algum material concreto) e ao mesmo tempo ocorrem trocas, conversas, socialização de novidades, observações de coisas que as crianças trazem de casa, sendo este o grande referencial conhecido até então.

Primeira atividade: geralmente é um trabalho dentro da sala, ligado às artes plásticas. Considerando que as crianças do maternal são extremamente sensoriais,

deixa-las livres para experimentar trabalhos com tinta, giz de cera, cola, massinha entre outros é muito importante.

Fora: atividade que acontece fora da sala, ligada à exploração de grandes movimentos. As atividades realizadas são circuitos de motricidade, brincadeiras de roda, exploração do espaço da escola, brincadeira de casinha e etc.

Lanche: As crianças lancham juntas e tem a possibilidade de trocar seu lanche.

Parque: Acontece durante 1 hora. As crianças exploram livremente os brinquedos do parque, brincam com baldes na areia, sem ser uma atividade dirigida. Neste momento a grande possibilidade é de ampliação de vínculos e interação com as crianças de outras turmas.

Segunda atividade: Idem à primeira atividade, jogo simbólico, roda de músicas etc.

Roda final: Contar histórias para fechar o dia na escola. Depois disso os pais estarão esperando fora da sala.”

Ressalto que esta rotina é planejada semanalmente pelos educadores da turma, que procuram levar em consideração os interesses e vontades das crianças. Pensando com calma e criativamente cada uma dessas atividades, como desafiar o grupo e como proporcionar espaços para criação, liberdade e expressão individual.

Como o mundo da leitura e da escrita invade ou inscrever nesta rotina?

Com que letras se escreve uma aventura pedagógica?

Para abordar os processos de alfabetização/letramento como quem devo agora falar?

Falo com as crianças dos ciclos 3 e 4 que vivemos e aprendemos juntos na sala azul e rosa por três semestres.

Falo com formigas, falo com piratas!

Falo com as famílias dessas crianças que acompanharam, apoiaram, criticaram, construíram, participaram, viveram e aprenderam conosco.

Falo da parceria em sala, de uma educadora e um educador que me ouviram, ajudaram, esclareceram, dividiram, somaram, multiplicaram e compartilharam comigo e conosco vivências e aprendizados.

Falo com uma equipe multidisciplinar de educadores que busca espaços de trocas, diálogos e formação, que acreditam e confiam no seu trabalho.

Falo com você leitor, seja familiar, coordenador, administrador, educador, psicólogo, enfermeiro, diretor, agricultor, faxineiro, taxista, motorista, cobrador, criança, jovem ou adulto. Desta escola ou de outra, deste estado ou de outro, deste país ou de outro.

Você que como eu, viveu processos de alfabetização e letramento. Você que já não lembra como foi alfabetizado. Você que se recorda de algumas cenas ou episódios. Você que nunca nem ouviu falar em letramento. Você que não gosta de ler. Você que não gosta de escrever. Você que gosta de ler e coleciona livros. Você que gosta de escrever e guarda seus escritos. Você que está descobrindo o que é ler e o que é escrever. Você que está aprendendo a pegar em um lápis. Você que está aprendendo a usar o ipad do seu pai. Você que tem a responsabilidade de alfabetizar. Você que ainda não sabe responder qual é o som do W. Você que não lê jornais. Você que lê anúncios. Você que envia cartão postal. Você que traz um livro infantil de lembrança da viagem que fez a um país distante. Você que tem dúvidas. Você que tem respostas. Você que procura caminhos. Você que está perdido. Você que nunca viajou. Você que nunca errou. Você que nunca trocou o p pelo b. Você que já sabe que antes de p e b se usa o m. Você que já sabe ler e escrever. Você que interpreta o mundo. Você que não entende o mundo.

É com você que eu falo!

E lhe proponho: vamos tentar entender o mundo da Vivendo? Compreender de onde bebeu uma proposta tão original? Para isso, que tal revisitarmos os primórdios de Brasília? Vamos ler a *palavramundo* (FREIRE, 2010) de seus pioneiros?

“Meu nome é fome; meu apelido é José!”¹

Cheguei nesta cidade em 1960. Uma cidade que estava saindo do papel e começando a surgir naquele chão, já com um formato de avião. Ouvia junto com meus pais o discurso emocionado e destemido do nosso presidente Juscelino Kubitschek “O nosso sol era a cidade que todos nós íamos construindo, levantando, erguendo, e o sol já existia em nosso desejo e em nossa esperança”.

Com esperança nesta construção que minha família veio do sertão para cá. Minha mãe era uma das “60 de 60” (uma das 60 professoras a passar no concurso público para professor do Distrito Federal na década de 60). Meu pai era pedreiro e quando soube da convocação de mainha matutou “em uma cidade em construção, trabalho não irá faltar”. E ele estava certo quando aqui chegamos logo os dois começaram a trabalhar. Meu pai nas obras da cidade e minha mãe lecionaria na Escola Júlia Kubitschek recentemente inaugurada. Mas, o destino lhe pregou uma peça! A tão prometida moradia para os professores recém-chegados, não foi cumprida.

O desespero estava estampado nos rostos de meus pais, para onde ir quando se está em um lugar desconhecido! Um senhor aproximou-se de meu pai e perguntou o que ele estava fazendo ali, meu pai disse a que veio e o amigo lhe aconselhou “existe a alguns quilômetros daqui, um acampamento onde nós trabalhadores humildemente moramos, se o senhor desejar posso lhe arranjar um lugar para ficar”. Painho não pensou duas vezes e aceitou a proposta. Fomos morar na Vila Divinéia, mainha estava inconformada com tamanho descaso.

Na manhã do dia seguinte, painho levantou-se cedo e lá se foi trabalhar. Mainha me pegou pelo braço e fomos pela Vila caminhar, enquanto caminhávamos, ela avistou uma escola e pensou que talvez ali alguém pudesse lhe ajudar. Foi ter com a diretora, enquanto eu fiquei parado naquele corredor a observar que lugar estranho era aquele, passei pelo corredor, olhei do lado de fora para dentro de uma sala, as crianças da minha idade estavam todas sentadas uma atrás da outra, um olhar triste no rosto e professora em pé a frente da turma com uma varra de bambu em sua mão, por um instante tive medo daquela mulher, logo depois vi que ela usava aquela vara para apontar o texto para as crianças enquanto elas iam repetindo algumas palavras. Percebi que lá atrás naquela mesma sala tinha outra mulher que observava atentamente a professora e as crianças com um olhar carinhoso e preocupado.

¹ História criada a partir de uma entrevista feita pelo projeto de pesquisa: “Educação Básica Pública no Distrito Federal (1956 – 1964): origens de um projeto inovador”, a professora Ivonilde Morrone e inspirada a partir da leitura do livro “Nas asas de Brasília: Memórias de uma utopia educativa (1956-1964)” resultado de um trabalho coletivo, realizado a sete anos, na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, resgatando a memória educativa do início da capital do país.

Mainha saiu da sala da diretora, me pegou pela mão e voltamos para casa. No caminho me contou que a situação era pior do que ela imaginava. Conversando com a diretora descobriu que mais professores estavam passando pela mesma situação, para ajudar minha mãe ela poderia conversar com os seus superiores e enquanto isso mainha trabalharia na escola para não perder o emprego. Minha mãe aceitou a proposta, me disse um pouco mais animada que no dia seguinte ela começaria a trabalhar e eu a estudar.

Contei para mainha o que tanto observava enquanto ela conversava com a diretora, eu estava curioso para saber quem era aquela mulher no fundo da sala.

À noite quando meu pai chegou, exausto de tanto cimento e tijolos carregar, nos contou como estava impressionado com o provo desta cidade. Todos trabalhavam com disposição, ânimo e esperança. Dizendo ainda que os arquitetos estavam pensando em tudo, inclusive na organização das quadras, onde ficariam os blocos residenciais e os centros educacionais, animado com essa organização disse que estavam pensando no futuro das crianças, no caminho que elas teriam que percorrer para chegar à escola, pessoas preocupadas com o futuro da cidade.

Fiquei feliz com a animação e admiração que meu pai mesmo exausto estava demonstrando por participar da construção desta cidade que viria a ser a Capital do país.

Antes mesmo do sol nascer, lá ia meu pai trabalhar. Enquanto minha mãe e eu íamos para a escola. Meu primeiro dia de aula sentia no meu peito um misto de curiosidade, ansiedade e medo. Mesmo sabendo que minha mãe estaria ali comigo, a imagem das crianças enfileiradas e da professora com a vara de bambu não saía de minha cabeça. Entramos na escola, minha mãe conversou com a diretora, me levou a porta da minha sala e foi para a sua que ficava no final daquele mesmo corredor.

Era a mesma sala que observei ontem, era a mesma porta, eram as mesmas crianças e a mesma professora. Mas, algo estava fora do lugar, as crianças estavam sentadas no chão, junto com a professora em volta de um quadro verde posto no chão. Um tanto acanhado entrei na sala, as crianças iam passando uma para a outra um papel que estava escrito “Eu me chamo Ataliba”. Todos riam deste nome, afinal quem daria um nome assim para seu filho.

A professora escrevia no quadro A – TA – LI – BA, depois nos entregou algumas fichas, nós recortamos e montamos Ataliba em uma folha que estava na mesa. Dali algum tempo chegou a hora mais esperada por todos os colegas da turma, o horário do lanche, estávamos todos famintos, alguns inclusive reclamavam, pois estava difícil se concentrar no Ataliba com a fome que estava sentindo.

Depois do lanche, entrou na sala, aquela mulher que estava observando a turma na manhã anterior. Ao vê-la novamente, meus olhos brilharam, não continha a excitação de saber quem era aquela senhora que com um ar tão carinhoso e cuidadoso. Entrou em nossa sala, trazendo consigo um espelho e um som.

Colocou uma cantiga e enquanto dançávamos pela sala, nos olhávamos no espelho, era fantástico, foi a primeira vez em que vi o meu corpo inteiro, do dedão do pé a ponta da testa. Me virei de um lado, depois do outro, via no rosto dos colegas uma alegria e um contentamento diferente, que sensação estranha era aquela de se olhar no espelho e ficar diante de si mesmo.

Olhei para aquela mulher que agora também sorria, encantada com o que estava acontecendo na sala, não contive minha curiosidade e perguntei como ela se chamava, respondeu que se chamava Ivonilde Morrone!²

No horário do almoço, via todas as professoras reunidas em torno da Ivonilde Morrone, mesmo curioso não consegui escutar sobre o que conversavam, pois ao me aproximar de minha mãe, ela mandou que eu fosse comer com minha turma, dizendo que em casa explicaria sobre o que estavam conversando.

Nunca poderia imaginar que o meu primeiro dia de aula seria tão divertido e surpreendente, o rosto de minha mãe transparecia uma animação e um contentamento diferente. No caminho para casa, fui lhe contando como tinha sido meu dia na escola, contei sobre o Ataliba, sobre como já tinha feito vários amigos na sala e como aquele nome era engraçado, contei que Ataliba começa com a letra A que a hora do lanche e do almoço era a hora mais esperada na sala e que pela primeira vez eu havia me visto no espelho assim como todos da turma. Disse que matei a minha curiosidade, perguntei o nome daquela moça que estava no final da sala ontem e o nome dela era Ivonilde Morrone.

Minha mãe ria da minha empolgação ao contar como tinha sido o meu primeiro dia na escola. Muito contente me contou que a escola estava caminhando para a mudança, para a reconstrução social. Disse que a Ivonilde Morrone estava ali para nos ajudar nessa caminhada e que aquele era o início de uma experiência educacional diferente de todas as outras contadas e vividas até então.

Naquela noite meu pai chegou em casa afoito, explicou que em Brasília os professores estavam anunciando uma greve, reivindicavam a prometida moradia, alegavam estar morando em Janelas e Kitnetes famosa moradia JK, estavam insatisfeitos com os números de matrículas, escolas e professores. Em breve, teríamos a

² A professora Ivonilde Morrone nasceu em Urutaí, Estado de Goiás. Estudou na Escola Normal de Brasília, especializou-se em alfabetização no primeiro curso de especialização no Rio de Janeiro, um curso no INEP com a professora Juraci Silveira, frequentou o curso pelo Programa de Assistência Brasileira-Americana ao Ensino Elemental, "PABAE". Fez suficiência pela Faculdade de Filosofia de Goiânia; e um curso de especialização nos Estados Unidos da América, durante um ano. Em sua volta ao Brasil, fez o curso superior de Letras pela Universidade de Brasília.

A carreira profissional foi direcionada sempre à docência, é professora desde os 18 anos de idade, tendo experiências com as séries do primário, do ginásio, da Escola Normal, e experiências de direção e supervisão de ensino também. Atuou durante seis anos na Escola Paroquial de Santana em Anápolis, aos 21 anos ingressou no serviço público, atuando principalmente na área de alfabetização. Na década de 60, veio a Brasília por meio de um concurso público em nível nacional, na área do magistério. A partir daí a professora Ivonilde Morrone começou seus projetos na área de alfabetização de crianças no Distrito Federal.

primeira greve de professores no Distrito Federal. Minha mãe comemorou a notícia, alegando que finalmente reivindicaria aquilo que era seu por direito e lhe foi negado.

Na escola, minha mãe e as outras professoras faziam cursos de formação com a professora Ivonilde Morrone, o que aprendiam lá compartilhavam conosco em sala. Dramatizávamos textos, liamos diferentes histórias, contávamos histórias e a professora anotava, fazíamos textos coletivos, tínhamos contato com diferentes livros impressos que ficavam em um caixote no corredor da escola.

Saíamos da escola, íamos para a rua, observávamos todo aquele verde em torno da escola, as poças de lama, o céu e suas nuvens dançantes, livres, escrevíamos sobre aquilo que observávamos, compartilhávamos nossos textos com os colegas, a professora sentava do nosso lado, lia o texto conosco e com outra folha escrevia como eu poderia escrever aquela palavra de forma mais clara. Eu ficava atento as suas observações e anotações. Assim, aprendi diversas palavras, me interessava cada vez mais pela leitura e pela escrita e principalmente pela escola!

Em maio de 1961, após a greve dos professores, recebemos a notícia de que a prometida casa dos professores estava pronta e nos mudamos da Vila Divinéia para o deserto da W3.

Agora, meu pai estava mais próximo do seu trabalho, seu percurso de ônibus diminuiu consideravelmente e não precisava mais acordar tão cedo. Minha mãe assumiu seu cargo de professora na Escola Júlia Kubitschek e eu passei a estudar lá também.

No começo sentia falta dos meus amigos da Vila Divinéia e da minha professora. Na Escola Júlia Kubitschek “ não havia, então, imposição de métodos de alfabetização ou metodologias de ensino, cada qual trabalhava em consonância com os conhecimentos de que dispunha, com os meios e as técnicas que lhes eram familiares. Assim, na alfabetização, eram utilizados, nas diferentes turmas, tanto o método global como o fônico, o eclético e o silábico, dependendo da experiência e da decisão dos docentes”. (PEREIRA;HENRIQUES,2011,p.151).

Curioso que sou, fui ter com minha mãe para saber o que era alfabetização e métodos de alfabetização. Com muita paciência me explicou que alfabetização é ensinar o código alfabético e que para isso existiam no mundo diferentes métodos. Os métodos globais para ela era aquele que partia do todo, da leitura do mundo, dos livros, para a leitura da palavra, das sílabas e letras. Os métodos sintéticos partiam das unidades menores (letra, fonema, sílaba) para unidades mais complexas (palavra, frase, texto). Assim, existia uma disputa entre os métodos e uma discussão muito profunda e acirrada sobre o melhor método de alfabetização e a idade certa para se alfabetizar.

Por um momento fiquei aliviado, por estar em uma escola em que “um dos principais objetivos educacionais era ampliar a autonomia e o senso crítico das crianças, razão pela qual havia a opção metodológica pelos *centros de interesse*, partindo da premissa de que somente se aprende quando há interesse em aprender”. (PEREIRA e

HENRIQUES, 2011 p.154) Era permitido escolher o que eu queria aprender, pesquisar na biblioteca os livros que tratavam dos temas que me interessavam.

Mainha dizia amar trabalhar nesta escola, pois tinha a oportunidade de trocar experiências constantemente com os outros professores. Faziam diversos cursos de formação, inclusive passei 6 meses sem vê-la durante o seu estágio na Escola Parque de Salvador, Centro Educacional Carneiro Ribeiro, criado por Anísio Teixeira quando ele ocupava o cargo de secretário de Educação do Estado da Bahia (PEREIRA e ROCHA, 2011,p. 163). Ali, mainha viveu uma experiência educacional que prezava pela formação integral da criança. Assim, quando voltou para Brasília, compreendeu melhor as ideias e utopias de Anísio Teixeira.

“Ao formular o novo modelo escolar, Anísio parte da crítica à escola tradicional, que, pelo seu caráter meramente intelectualista e propedêutico, considera inadequada à formação de cidadãos para a sociedade industrial moderna. Segundo argumenta o educador, a escola, assim constituída, torna-se ineficiente e seletiva, não cumprindo o papel que lhe cabe de promover a educação comum, para todos, fator indispensável para que cada cidadão se integre nessa nova sociedade altamente racionalizada e mecanizada. Argumenta ainda que, com a expansão desordenada de matrículas, a escola primária viu-se reduzida em tempo e em objetivos educacionais, o que contribuiu para intensificar o processo seletivo da escola – um dos mais graves mecanismos de exclusão social”. (TEIXEIRA,1957, apud PEREIRA e ROCHA,2011,p.165).

Uma educação integral, pública e de qualidade para todos era o ideal de Educação defendido por Anísio Teixeira. De manhã eu estudava na Escola Júlia Kubitschek e a tarde ia para a Escola Parque onde eu escolhia se queria nadar, fazer uma encadernação, bordar, tecer, fazer uma peça teatral ou tocar algum instrumento. Era uma oportunidade incrível de criar e fazer coisas interessantíssimas e do meu interesse. Na Escola Parque apresentei a minha primeira peça teatral e participei do coral, uma experiência magnífica, singular e inexplicável.

Com o aumento das matrículas, com a falta de professores e construção de mais ambientes escolares, passei a frequentar a Escola Parque apenas 2 horas por semana. E em 1964 com a ditadura militar, minha mãe fora perseguida pelos militares por ler para seus alunos textos do Graciliano Ramos e os poemas do Carlos Drummond de Andrade. Fomos nos refugiar no interior do Goiás ali conseguimos manter vivas nossas memórias educativas, nossa esperança e o desejo por construir uma sociedade e um mundo melhor.

“Meu nome é Fome; meu apelido José e eu não sei o espaço que ocupo nesse espaço que não sei o que é...”

Quando criança este espaço me parecia a capital da esperança,

Aprendi a cantar, dançar, tecer, compor, observar, ler, escrever e bordar,

Aprendi a votar, escolher, opinar, lutar e reivindicar,

Apreendi a ouvir, tocar, embaralhar e registrar,

Neste espaço voei nas asas de uma utopia educativa.

Ouvi bem-ti-vis, corri de mães corujas, vi no alto da “barriguda” o João de Barro construir o seu lar.

Fiz poesias sobre as poças de lama, sobre a seca e os Ipês floridos...

E ao deste espaço sair, sinto medo...

Medo de que esta utopia se perca

De que a esperança se esvaia

Que a educação se prenda aos quadros e as paredes

Que os professores se limitem ao som do abecedário e à soma dos quadrados dos catetos

Que os alunos percam o interesse, a curiosidade, a liberdade, a fome...”

Volto para Brasília, em 1980, agora com 25 anos e uma filha de apenas 4 anos. Voltei, pois no meu coração tinha a esperança de encontrar aquela escola, na qual eu estudei e onde eu gostaria que minha filha também estudasse. As notícias que recebi foram desanimadoras: a Escola Júlia Kubistchek* fora fechada após um incêndio, as escolas parques continuavam funcionando apenas 2 horas por semana.

Mesmo diante deste cenário resolvi matricular a Maria em uma Escola Classe na 308 sul, perto de onde iríamos morar agora. Porém, minha decepção foi aumentando a cada dia, os professores estavam mais incomodados com o formato da letra de Maria do que com suas curiosidades e interesse pelas histórias infantis. Via minha filha fazendo caderno de caligrafia e aquilo me revirava o coração. O meu medo tornou-se realidade.

Surgem neste contexto grandes discussões sobre alfabetização e grandes questões como: Qual é o melhor método de alfabetização? Qual a idade certa para se alfabetizar? Decidi fazer parte do Conselho Pedagógico da escola, para entender melhor este e outros assuntos que desrespeitam a educação de Maria. Ali, conheci outros pais e mães que também estavam incomodados com aquele modelo escolar, alguns que como eu acreditavam no ensino gratuito de qualidade, onde a criança tivesse voz e vez. Durante dois anos dialogamos, conversamos, buscamos, lutamos, sonhamos, até que criamos uma sociedade civil sem fins lucrativos, a Associação Pró-educação Vivendo e Aprendendo. Seu registro em cartório deu-se em outubro de 1982.

Ali, finalmente, eu vi Maria feliz na escola, fazendo aquilo que gostava de fazer, tendo suas curiosidades e sua voz respeitada, vivendo e aprendendo experiências incríveis ao lado de seus colegas e professores. Mesmo em condições precárias, sentia que enfim eu tinha encontrado uma escola parecida com aquela em que eu estudei.

Assim, surge a Vivendo e Aprendendo em 1982! Quais serão as discussões e reflexões feitas neste espaço? E como será que a comunidade escolar está pensando a educação de seus filhos atualmente?

Parafrazeando Saramago “tudo no mundo está dando respostas, o que demora é o tempo das perguntas”.

Semeando reflexões

Há anos a Vivendo e Aprendendo vem construindo e proporcionando espaços para reflexão, retroalimentação e participações externas por meio dos Seminários Interno e Externos. No início aconteciam com uma certa frequência, traziam pessoas de outros lugares como o professor José Pacheco, fundador da Escola da Ponte. Esses seminários já não acontecem com a mesma frequência, o mais recente aconteceu em 2013 e o tema gerador foi: O que vivemos e aprendemos? Neste seminário, discutimos, pensamos, refletimos e fizemos algumas propostas a respeito do tema processo de alfabetização e letramento na escola.

Será que as nossas indagações ainda são as mesmas a respeito da alfabetização? Evoluímos? Retrocedemos? Estagnamos?

Cuidado! Respire fundo, antes de mergulhar neste mar de dúvidas, reflexões e descobertas!

Os quadros abaixo foram feitos a partir dos cartazes que estavam dispostos na sala em que a discussão a respeito do processo de alfabetização aconteceu. Nestes cartazes, os sujeitos ali presentes (famílias, pais, e coordenadores) discutiam sobre o assunto a partir da leitura do texto “Erra uma vez” escrito pela educadora Mariana Cruz. Discutiam o texto e suas indagações sobre o assunto, chegavam a um consenso e escreviam nos cartazes.

Pare! Observe atentamente o quadro! Você está diante de um mapa! Á frente podem vir desafios! Tempestades! Batalhas! Redemoinhos! Dragões! Formigas! Barcos inimigos! Mensagens secretas e Tesouros! Fique atento!

Grupo 1

Gostamos	Não gostamos	Propomos
Leitura de mundo preceder a leitura da palavra.	Falta de clareza trazendo angústias.	Orientação para os pais.
O meu jeito.	Falta de orientação para os pais.	

Grupo 2

Gostamos	Não gostamos	Propomos
Reconhecimento e valorização do “erro”.	Falta de clareza trazendo angústias	Inclusão do tema nos primeiros ciclos para esclarecimento nos encontros.
O tempo de cada um e do grupo	Falta de orientação para os pais	Maior sistematização e registro e difusão dos

		processos em sala de aula
Espaço de troca		Publicações
O meu jeito		Dúvida: olhar do professor
Não fragmentação do processo.		

Grupo 3

Gostamos	Não gostamos	Propomos
O meu jeito	Ansiedade das famílias (adultos) em relação ao tema	Ser sensível à importância que as crianças e as famílias dão para o código (jeito coletivo, social)
Acesso a outras competências (conhecimento científico)	Quando a ansiedade pode levar o educador a “fazer” (atropelar) pela criança	Não esquecer das outras áreas do conhecimento no ciclo 5
	A Vivendo não ter conseguido comunicar que existe uma sistematização do letramento desde o ciclo 1	Ciclo de debates
		Como auxiliar em casa, a partir de “causos”.
		“A dúvida da semana” (blog)
		Mais espaço de reflexão sobre o tema.
		Atenção para o tempo de cada um.

O primeiro vento a içar nossas velas: *Leitura de mundo preceder a leitura da palavra*. Aqui nos deparamos com o pensamento de um educador ousado, crítico libertário e amoroso: Paulo Freire! Um dos nomes mais reconhecidos no mundo por sua prática, coerência e luta política no âmbito educacional, social, político e histórico da sociedade brasileira.

Este episódio retrata um pouco desta leitura de mundo e leitura da palavra. Saboreie!

Certo dia no parque, Heitor segura minha mão e pergunta: “– Cris, o que são esses convites nas árvores?”. Respondo “- Não são convites, são os nomes das árvores”.

Heitor diz: “- O nome das árvores? Então, vem cá, qual é o nome dessa árvore aqui?”.

Cris: “- Amoreira.”

Heitor: “- Amoreira?! Então, vamos ter várias amoras aqui! Huum! E aquele?”

Cris: “- Cajueiro!”

Um menino do ciclo 4 que passava por ali diz: “- Tem cajú aqui na Vivendo!”

Heitor: “- Podemos fazer suco de cajú!”

Continuamos passeando pelo parque e ele diz: “- Esse aqui eu já sei, pé de manga, mas o que está escrito na placa?”

Cris: “- Mangueira que quer dizer pé de manga também”.

Ele riu olhando para a mangueira de molhar o parque e a árvore que estava a sua frente e continuamos passeando, depois perguntou: “- E esse aqui?”

Cris: “- Jabuticabeira”.

Heitor: “Tem jabuticaba também, mas quem escreveu esses nomes?”

Cris: “As crianças do ciclo 5, da sala da Valéria”.

Heitor: “E para que elas fizeram isso?”

Cris: “- Deve ser para nós sabermos os nomes das árvores, lembra que eles estão estudando as árvores e a horta?”.

Heitor: “- É mesmo!”



Heitor percebe que existe algo diferente nas árvores, a princípio pensa serem convites e quando lhe digo que são os nomes das árvores, segura minha mão e muito curioso vai perguntado o nome e o que está escrito na placa de cada uma delas. O contato que ele tem com as frutas permite que fale, sinta, ouça, perceba, deguste a amora que vem da amoreira, o suco que vem do cajú que dá no cajueiro, a manga que dá no pé de manga que também se chama mangueira e que a palavra mangueira pode ter significados diferentes, mangueira = pé de manga e mangueira = ferramenta utilizada para molhar o parque.

É neste sentido que FREIRE (1989,p.13) afirma:

“Refiro-me a que a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”.

Quando os pais da Associação afirmam gostar da leitura de mundo proceder a leitura da palavra, significa que percebem e valorizam os conhecimentos, as leituras e interpretações que as crianças fazem do mundo, percebem que não são mentes vazias onde o educador deve depositar seus conhecimentos. Mas são seres que estão, são e agem no mundo. Evoluímos!

Agora que as nossas velas estão içadas e que os ventos sopram na direção do esclarecimento de troca de experiências e conhecimentos, nos deparamos com grandes desafios: *O meu jeito, o reconhecimento e a valorização do “erro” e o tempo de cada um e do grupo.*

E aqui caro leitor, lhe convido a se colocar no lugar da criança! Para que possamos compreender esse processo no qual ela é a grande construtora!

Vamos refletir um pouco sobre as suas primeiras palavras. Ainda bebê, sua mãe cantou para você diferentes canções, conversava com você, alimentava, limpava. Seu pai da mesma maneira sempre conversou e cantou para você dormir. Como você aprendeu a falar? Em algum momento seus pais, familiares e adultos a sua volta lhe fizeram repetir vogal por vogal, consoante por consoante, juntar consoantes e vogais, para que você falasse “papa”? Ficavam na sua frente repetindo ba-be-bi-bo-bu? E quando você falou a sua primeira palavra, seus pais te corrigiram? Disseram para falar direito? Ou comemoraram a sua primeira palavra? Se aproximaram e pediram para repetir?!

FERREIRO (2011,p.31) ressalta que:

“Em língua oral permitimos à criança que se engane no produzir, tanto quanto ao interpretar, e que aprenda através de suas tentativas para falar e para entender a fala dos outros. Em língua escrita todas as metodologias tradicionais penalizam continuamente o erro, supondo que só se aprende através da reprodução correta, e que é melhor não tentar escrever, nem ler, se não está em condições de evitar o erro. A consequência inevitável é a inibição: as crianças não tentam nem ler nem escrever e, portanto, não aprendem”.

É por isso que na Vivendo proporcionamos espaços e atividades nas quais as crianças se sintam livres para criarem, escreverem e lerem do seu jeito.

Um dia a Fernanda e a Priscila chegaram mais cedo e estavam escutando uma história que a mãe da Priscila estava lendo, nesse momento eu entrei na sala e a Fernanda pediu para contar uma história na roda daquele dia. Falei que ela poderia contar sem problemas. Na hora da roda a Fernanda contou sua história. Enquanto contava, todas as crianças estavam atentas à história. Quando ela terminou, o João perguntou: “- Por que a Fernanda contou a história na roda hoje?”. Respondi que ela contou porque queria contar. Nesse momento todas as crianças disseram que queriam contar uma história na roda também.

No dia seguinte conversamos com as crianças na roda inicial sobre quem iria contar história na roda, perguntamos se daria para todas as crianças contarem uma história na roda no mesmo dia, elas responderam que não. O Jeremias disse que nós podíamos fazer um sorteio e eu e a Kênia sugerimos fazer um calendário sorteando o nome de duas crianças por dia para contarem história. Dissemos que assim, todos iríamos saber o dia que cada um contaria uma história na roda, elas concordaram.

Fizemos o sorteio, escrevemos os nomes e os dias que cada uma contaria a história na roda.

A roda de história passou a ser um momento ainda mais esperado pelas crianças, que durante a semana queriam saber quem iria contar história na roda aquele dia, quando seria a vez delas, quantos dias faltavam. Na primeira semana algumas crianças, como a Laila e a Geovana, que são um pouco mais tímidas que as outras, não quiseram contar história na roda. Perguntávamos se queriam escolher um livro para que eu ou a Sara lêssemos. Depois da primeira semana contaram com a mão na boca, falando baixo, mas depois na terceira vez que foram contar já estavam seguras de si, falavam e prendiam a atenção de todas as crianças que escutavam atentas a história.

Algumas crianças levavam um livro e liam na roda. Às vezes outras crianças argumentavam: “Espera aí, essa história não é assim”. E a outra respondia: “Mas eu posso contar do meu jeito”. Outras contavam uma história da cabeça, cada uma do seu jeito, e no seu espaço contavam a história que queriam para seus colegas.

FERREIRO (2011, p.33) nos alerta:

“Isto não significa que o processo de aquisição da língua escrita seja “natural e espontâneo”, que o professor se limite a ser um espectador passivo, nem que seja suficiente rodear a criança de livros para aprenda sozinha. É um processo difícil para a criança, mas não mais difícil que outros processos de aquisição do conhecimento. É um processo que exige acesso à informação socialmente veiculada, já que muitas das propriedades da língua escrita só podem descobrir através de outros informantes e da participação em atos sociais onde a escrita sirva para fins específicos. Não é um processo linear, mas um processo com períodos precisos de organização, para cada um dos quais existem situações conflitivas que podem antecipar-se. Esses conflitos têm um papel construtivo no processo (não qualquer conflito mas alguns muito específicos); o trabalho do professor é crucial na identificação da natureza das dificuldades que se apresentam, algumas das quais representam problemas que devem ser enfrentados pelas crianças. A criança lhes apresenta desafios intelectuais, problemas que terão que resolver, precisamente para chegar a entender quais são as regras de construção interna do sistema”.

Durante a escrita do bilhete da culinária que o grupo escolheu fazer, sentávamos individualmente com as crianças no ciclo 4, dizíamos os ingredientes, elas escolhiam e escreviam na frente do seu nome o ingrediente. Pedíamos que escrevessem do seu jeito e então começava o desafio. Roberto naquele dia escolheu trazer o mel, foi repetindo a palavra baixinho e escreveu MEU. Em seguida, veio a Helena que escolheu trazer arroz e perguntou como se escreve arroz, repetiu a palavra, pensou e escreveu ARROIS. Olhou para mim e perguntou “eu escrevi arroz? Tá certo?”.

De acordo com FERREIRO (2011, p.83):

“Em uma lógica construtivista o que interessa é a lógica do erro: trata-se às vezes de ideias que não são erradas em si mesmas, mas aparecem como errôneas porque são sobregeneralizadas, sendo pertinentes apenas em alguns casos, ou, às vezes, ideias que geram conflitos, que por sua vez desempenham papel de primeira importância na evolução. Alguns desses conflitos entendemos muito bem; esperamos entender melhor outros em um futuro não muito distante”.

Esses dois conflitos acima exemplificados, demonstram as hipóteses que as crianças estão construindo com relação a língua que falamos e à que escrevemos. No caso do mel o L no final tem um som de U e no caso do arroz ao pronunciar a palavra sai ARROIS e não ARROZ. A minha resposta foi: “- leia para mim o que você escreveu.” E ela leu: “- ARROIS, tá certo né?”, respondi com uma pergunta: “- O que você acha?” e ela respondeu “-tá certo, sim, arrois”.

Ainda conforme FERREIRO (2011, p.48):

“A correção contínua e imediata gera inibições e impede a reflexão e a confrontação. Os erros também necessitam ser interpretados pelo professor, já que nem todos os erros se parecem (não têm a mesma origem nem “dizem” o mesmo com respeito à evolução). Qualquer adulto alfabetizado se engana ao ler ou ao escrever; o que indica seu grau de alfabetização é a sua possibilidade de autocorreção”.

Neste sentido cabe a nós adultos, problematizar a criança para que ela se veja em situação de conflito e formule hipóteses sobre o seu processo de aquisição da língua escrita. Assim, como possibilitar que elas também tirem suas dúvidas e compartilhem esta construção conosco? Na dúvida, devolva a pergunta para a criança e perceba como ela está interpretando e entendendo este processo. Permita se surpreender com suas respostas!

Temos um grande desafio pela frente, escutar as crianças, observá-las, responder suas dúvidas e curiosidades, e quando não encontrarmos respostas, por que não pesquisar e investigar com elas?

Voltemos ao nosso mapa! Ele agora nos dá outras pistas e caminhos pelos quais podemos seguir. *O tempo de cada um e do grupo, a não fragmentação do processo e o acesso às outras competências (conhecimentos científicos)*. Essas pistas nos levam a um caminho conhecido na Vivendo como Projeto Pedagógico. Lembrem-se dele? Não? Retorne à página 24 deste ensaio e relembre! Vou compartilhar com vocês o relatório geral do ciclo 3 do 4º Bimestre.

Antes, um esclarecimento: De acordo com a Revista Vivendo & Escrevendo (2004,p. 42): “ O relatório geral, que por muitas vezes transformou-se num jornal, num livro de poesias, numa história de contos de fadas... Munido ou não de material fotográfico, como registro do momento descrito, com desenho de crianças, contextualizando e permeado de citações de teóricos, explica o trabalho realizado com aquele Ciclo naquele bimestre”.

O Projeto *Formigas do mundo*: uma aventura no mundo das representações.

Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo

Ciclo 3 – vespertino

Professoras: Kênia Miranda e Cristiane Fernandes.

4º Bimestre de 2013

*Crianças: Heitor, Marcia, Cauê, Fernanda, Priscila, João, Marieta, Jeremias, Laila Roberto, Geovana e Fernando. **

Relatório Geral

Retrospectiva 2013.

“Um grupo se constrói através da constância da presença de seus elementos, na constância da rotina e de suas atividades. Um grupo se constrói na organização sistematizada de encaminhamentos, intervenções por parte do educador, para sistematização do conteúdo em estudo. Um grupo se constrói no espaço heterogêneo das diferenças entre cada participante: da timidez de um, do afobamento do outro; da serenidade de um, da explosão do outro; do pânico velado de um, da sensatez do outro; da serenidade desconfiada de um, da ousadia do risco do outro; da mudez de um, da tagarelice do outro; do riso fechado de um, dos olhos esbugalhados do outro; da lividez do rosto de um, do encarnado do outro. Um grupo se constrói enfrentando o medo do diferente, o novo provoca, educando o risco de ousar. Um grupo se constrói na cumplicidade do riso, da raiva, do choro, do medo, do ódio, da felicidade e do prazer”.

(Madalena Freire).

Assim começa a nossa viagem com este grupo denominado Ciclo 3. Ao longo dessa viagem fizemos algumas paradas e descobertas, embarques e desembarques, encontros e despedidas, chegadas e partidas, inícios e fins.

Partimos da sala amarela para a sala azul, lá reencontramos nossos amigos e 3 novos tripulantes: Cristiane, Cauê e João. A Vanessa agora viajava na sala rosa junto com o ciclo 5, o Jeremias e o Fernando agora navegavam em outros mares.

A viagem iniciou com o reconhecimento da sala azul, da Vivendo e Aprendendo e seus novos tripulantes. Contamos nossas novidades, aprendemos diferentes maneiras e materiais com os quais podemos pintar/desenhar aquilo que queremos. Desenhamos no chão, na mesa, na parede e até no teto. Desenhamos com tinta, lápis de cor, giz de cera, carvão, giz pastel, areia, giz de quadro negro, canetinha, lápis aquarela, bolha de sabão, canudos, gelo colorido, vela, anilina, papel molhado, fita crepe, desenhamos com as nossas mãos, com os nossos pés, com a nossa boca, com o nosso corpo. Desenhamos no papel, na areia do parque, na lixa, na cartolina, nos bilhetes, no nosso corpo e no corpo do outro. Desenhamos pessoas queridas, momentos, animais, flores, florestas, jogos e brincadeiras. Somos atores, fazemos

mímicas dos animais e peças teatrais. Somos mágicos, fazemos nosso desenho desaparecer e aparecer. Nossa arte está por toda parte, nas paredes da sala, nas pastas de atividades que vão para nossa casa, nos muros da escola e na areia do parque!

E temos uma novidade: nosso antigo tripulante Jeremias deseja reembarcar na próxima estação! Seja Bem-vindo novamente, nós estávamos com saudades!

Ao terminar os desenhos, as crianças começaram a pedir para escrever o seu nome. Com relação a esse processo, Ana Teberosky (1993) faz as seguintes ponderações: “A que se deve essa necessidade precoce de marcar as próprias produções? Essas marcas não são ainda a representação da pauta sonora do nome. A função é, primordialmente, a identificação da produção, a de colocar a marca de propriedade. As respostas das crianças, quando perguntadas sobre o significado dessas marcas, são bem ilustrativas: “isto sou eu”, “é meu”, “é o meu nome”, “põe Maria”, “diz Maria”, etc.” Surgiu no grupo um interesse pela escrita do seu nome, começaram a fazer a relação, R de Roberto, J de João, Jeremias e Juliana, reconhecendo o seu nome e o nome dos colegas. A autora ainda afirma que “por outro lado, o nome próprio comporta um outro pressuposto importante: que os nomes têm referentes, que designam seres singulares, reais e que são usados para veicular valor de verdade”.

A partir do interesse do grupo fizemos algumas atividades como caça aos nomes, confecção dos ganchos e fichas do ajudante do dia, brincadeira com as letras e caça as letras. Devemos lembrar que este é um processo único e particular, cada um tem o seu tempo e interesse para que o mesmo aconteça. Percebemos que as crianças que antes não reconheciam seu nome, já reconhecem, são curiosas, querem saber o que está escrito no bilhete ou no convite, querem saber o que escreveram e o que acontece se tirar alguma letra. No momento da roda de história ficam atentos às imagens e à história que está sendo contada, gostam de contar histórias para seus colegas e folhear os livros nos intervalos entre uma atividade e outra.

Na parada seguinte nos deparamos com as seguintes questões: “Por que menino faz xixi em pé e menina faz xixi sentada?”, “Por que o cabelo dela é cacheado e meu é liso?”, “Quem é maior, eu ou você?” “Por que quando a gente se corta, sangra?” Partimos em busca de respostas, visitamos nossos corpos, vimos o formato que ele têm, seus sentidos, seus órgãos e funções, percebemos as diferenças e as semelhanças que existem entre o meu corpo e o corpo do outro.

Aqui fazemos mais uma parada e com o coração apertado nos despedimos do Raul, desejando-lhe boa sorte na sua próxima viagem e dizendo que sentiremos sua falta no ciclo 3.

Conhecendo e explorando nossos corpos, sentimos a necessidade de desafiá-lo, correr, gritar, pular, rodar, dançar, subir em árvores, passar de uma árvore para outra, escalar grades, subir no vão da porta, se equilibrar nas cordas, balançar nas cordas, subir no trepa, plantar bananeira, dar estrelinhas, experimentar pisar em folhas, grude, terra, água quente, areia, e água fria. Perdemos o medo, o medo de cair, o medo de arriscar, o medo de altura. E descobrimos que podemos pedir ajuda, aprender com os nossos colegas e quando não estamos seguros podemos voltar e tentar outra vez amanhã.

Descobrimos que precisamos de tempo. Este tempo pode ser um dia da semana e seus nomes são: segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira, sábado e domingo, o que lembra muito a história da Bruxa Salomé. Começamos a confeccionar o calendário e ver que dia é hoje, quantos dias faltam para o aniversário de alguém ou para a festa das crianças, percebemos que existe uma sequência numérica do 1 ao 30. Entendemos melhor nossa rotina. E passamos a contar os pontos que fizemos no jogo de boliche ou quantas pessoas precisamos abraçar no coelhinho sai da toca ou quantos passos temos que dar no vampirinho, que horas

são?, ou quantas frutas vermelhas temos na roda, o que é mais leve, esse pacote de farinha ou aquele de açúcar.

Aprendemos a dizer aquilo que estamos sentindo, falamos “não gostei”, dizemos “ posso brincar com você?” ou “ vamos brincar de pique-esconde?”, pedimos para parar ou para fazer menos barulho quando estamos com dor de ouvido, relembramos o combinado, pedimos ajuda e agradecemos, explicamos o que aconteceu, falamos quando foi sem querer, dizemos “tudo bem, mas eu posso achar do meu jeito e você do seu”.

PARA TUDO! A VIVENDO ESTÁ SENDO INVADIDA PELAS FORMIGAS! PROTEJAM-SE TODOS!

Formigas na sala, formigas no parque, formigas na pracinha, formigas na árvore, formigas no galpão. VENHAM TODOS! ACHEI UMA FORMIGA! Que formiga é essa? Ela pica? Tem veneno? O que elas comem? Onde fica o formigueiro delas? Como elas constroem o formigueiro? Por quê algumas são grandes e outras menores? Quantas espécies de formiga existem na Vivendo? E no mundo?

ADORAMOS VIAJAR! E assim embarcamos novamente em busca de respostas. Começamos pela Vivendo, descobrimos que aqui existem 3 tipos de formigas: saúva, doceira e jardineira. Fizemos desenhos de onde tem formigueiro na Vivendo, depois fizemos uma maquete da nossa nave mãe, colocamos a sala lilás, a sala amarela, a sala azul, a secretaria, a lavanderia, o galpão, o banheiro, o chuveirão, a sala verde, a sala rosa, a pracinha e a sala laranja. Fizemos um desenho olhando a maquete de cima da mesa. Depois descobrimos que aquele desenho na verdade era o MAPA DA VIVENDO e que o Mapa na verdade é o desenho do lugar, só que menor.

Sáímos da Vivendo e fomos conhecer as formigas do Brasil, descobrimos que lá na Amazônia existe uma formiga chamada cabo-verde que de verde não tem nada, ela é carnívora e tem a picada mais venenosa de todas as formigas brasileiras, capaz de matar e comer animais pequenos como ratos e coelhos. Se um homem for picado por essa formiga sentirá muita dor e febre, melhor mesmo é correr para o hospital.

Do Brasil, vamos para o Paraguai, lá descobrimos que as pessoas falam outra língua, o espanhol e o guarani e que formiga lá se escreve “Hormiga”. Tem uma espécie de formiga que o seu formigueiro chega a medir 1,80 de altura, maior que a Cris, e que suporta até duas pessoas adultas no seu topo (acredite). Preparamos e experimentamos uma comida chamada Chippa, muito conhecida por lá. Dançamos a dança do jarro. Como é difícil equilibrar um jarro cheio D’agua na cabeça e ainda dançar!

Do Paraguai fomos para o Chile. Ali descobrimos a formiga zumbi. Essa formiga hiberna e acaba congelando, após os 6 meses acorda e vive novamente. Já pensou congelar durante 6 meses e acordar como se nada tivesse acontecido? Fizemos o bolo de santiago, com amêndoas batidas no liquidificador, todos mexeram a massa, experimentaram os ingredientes e ao provar disseram: -HUUUMMM!

E aqui fizemos mais uma parada, nos despedindo das gêmeas Rita e Flávia. A cada despedida parece que os nossos corações ficam ainda mais apertados, é triste quando olhamos para o bilhete da culinária e não vemos mais seus nomes ali, mas sabemos que quando quisermos podemos combinar de ir visitá-las ou convidá-las para alguma festa ou final de semana ou para passarmos uma tarde juntas na Vivendo, onde serão sempre bem recebidas.

PRÓXIMA PARADA, ARGENTINA!

Já pensou morar em cima de um formigueiro? Pois é, lá na Argentina conhecemos a chamada formiga argentina. O seu formigueiro ocupa uma cidade inteira, o que causa uma tremenda bagunça na cidade, pois as casas dos moradores começaram a cair...Que confusão!

Quando a gente menos espera, eis que um antigo tripulante volta a navegar conosco, seja muito bem – vindo Fernando, é uma alegria imensa ter você conosco outra vez!

E LÁ VAMOS NÓS A TODO VAPOR PARA A AUSTRÁLIA!

Na Austrália, conhecemos uma espécie de formiga muito interessante, ela é tão pequena que faz o seu formigueiro dentro de uma folha e se não fosse por sua cor amarela seria complicado enxergá-la. Vimos a dança dos aborígenas e reconhecemos alguns animais naquela dança como o canguru e a cobra.

Da Austrália atravessamos o oceano novamente e chegamos no México, onde descobrimos que as formigas daqui também são conhecidas como formigas de fogo. Não, elas não soltam fogo pelas ventas, mas a sua picada pode nos queimar. Comemoramos junto com o Ciclo 2 o dia dos mortos, conversamos sobre o que é a morte, sobre como cada pessoa tem o seu jeito de senti-la e que cada país “celebra” do seu jeito, aqui no Brasil geralmente vamos ao cemitério nesta data, acendemos velas ou levamos flores, mas isso depende da vontade de cada um; também tem gente que não gosta de cemitério, tem gente que não gosta de flores e tem gente que não liga para essa data, mas lá no México essa data é comemorada com festa, as pessoas se fantasiam, espalham diversas caveiras e flores pela cidade.

No México pegamos um avião e pousamos no Japão. Lá descobrimos uma formiga que tem chifres nas costas. Descobrimos também que eles falam outra língua, o japonês, ouvimos os nossos nomes em japonês e vimos como é escrito também, as letras são símbolos que às vezes parecem uma carinha. Fizemos o festival da primavera, enfeitamos nossa sala com flores coloridas, desenhos e ouvimos músicas infantis japonesas.

Do Japão fomos conhecer o continente africano. Continente? O que é um continente? O continente são vários países juntos em um mesmo espaço. E quantos países tem no continente africano? Qual é o nome desse? E esse? Quênia? E onde ficam as savanas africanas? É aqui? E as formigas? Sabia que no continente africano existe uma formiga chamada Sifú e que essa formiga é capaz de matar um elefante? AAAAH, UM ELEFANTE????? Sim, essas pequenas formigas são capazes de matar um elefante, elas entram em bando na tromba do elefante, tampando sua respiração e matando o animal asfíxiado. UAU! Quem diria que as formigas podem matar um elefante...

Até aqui viajamos juntos. Passaram vilas e cidades, cachoeiras e rios, bosques e florestas... Não faltaram os grandes obstáculos, frequentes foram às cercas, ajudando a transpor abismos... As subidas e descidas foram realidade sempre presente. Juntos, percorremos retas, nos apoiamos nas curvas, descobrimos cidades...

Chegou o momento de cada um seguir sua viagem sozinho... Que as experiências compartilhadas no percurso até aqui sejam a alavanca para alcançarmos a alegria de chegar ao destino projetado. A nossa saudade e a nossa esperança de um reencontro aos que, por vários

motivos, nos deixaram, seguindo outros caminhos.

O nosso agradecimento àqueles que, mesmo de fora, mas sempre presentes, nos quiseram bem e nos apoiaram nos bons e nos maus momentos. Dividam conosco os méritos desta conquista, porque ela também pertence a vocês. Uma despedida é necessária antes de podermos nos encontrar outra vez. Que nossas despedidas sejam um eterno reencontro.

Carinhosamente,

Cristiane Fernandes e Kênia Miranda!

Este relatório descreve um pouco da nossa trajetória na Sala Azul e de como nossa nave mãe foi invadida pelas Formigas do Mundo. Mas, como a alfabetização e o letramento estão interligados com o projeto? Vamos reler este trecho: “Fizemos desenhos de onde tem formigueiro na Vivendo, depois fizemos uma maquete da nossa nave mãe, colocamos a sala lilás, a sala amarela, a sala azul, a secretaria, a lavanderia, o galpão, o banheiro, o chuveirão, a sala verde, a sala rosa, a pracinha e a sala laranja. Fizemos um desenho olhando a maquete de cima da mesa. Depois descobrimos que aquele desenho na verdade era o MAPA DA VIVENDO e que o Mapa na verdade é o desenho do lugar, só que menor”.

Assim, trabalhamos com o mundo das representações.

Segundo FERREIRO(2011,p.14):

“A construção de qualquer sistema de representação envolve um processo de diferenciação dos elementos e relações conhecidas no objeto a ser apresentado e uma seleção daqueles elementos e relações serão retidos na representação. Um representação X não é igual a uma realidade R que representa (se assim for, não seria uma representação mas um outra instância de R). Portanto, se um sistema X é uma representação adequada de certa realidade R, reúne duas condições contraditórias:

- a) X possui algumas das propriedades e relações próprias a R;
- b) X exclui algumas das propriedades e relações próprias a R.”

Quando fizemos a maquete e a partir dela fizemos o mapa da Vivendo, estamos lidando com a representação de um espaço real.

Neste sentido FERREIRO (2011,p.15) nos acrescenta que:

“ O vínculo entre X e R pode ser de tipo analógico ou totalmente arbitrário. Por exemplo, se os elementos de R são formas, distancias e cores, X pode conservar essas propriedades e representar formas por formas, distâncias por distâncias e cores por cores. É o que acontece no caso dos mapas modernos: a costa não é uma linha, mas a linha do mapa conserva as relações de proximidade entre dois pontos quaisquer, situados nesta costa; as diferenças de altura do relevo não se exprimem necessariamente por diferenças de colorações em R mas podem se exprimir por diferenças de cores em X etc. Embora um mapa seja basicamente, um sistema de representação analógico, contém também elementos arbitrários; as fronteiras políticas podem ser indicadas por uma série de pontos, por uma linha contínua ou por qualquer outro recurso; as cidades não são formas circulares nem quadradas e, no entanto, são estas duas formas geométricas as que habitualmente representam – na escala do mapa de um país – cidades, etc.”

Assim, este projeto permitiu que as crianças no âmbito da alfabetização e do letramento, compreendessem o mundo das representações e que podemos representar a

nossa fala ou um determinado objeto, lugar ou ser de diferentes maneiras. Aprendemos que no mundo existem diferentes línguas, pessoas, culturas, climas e formigas!

A Sociedade Secreta dos Piratas: O pirata que há em nós, o desafio de um código!

Relatório Geral do Ciclo 4 Vespertino

1º Bimestre de 2014

Coordenadores (as): Francisco Rengifo e Raquel Capucci

Professores: Pablo Martins e Cristiane Fernandes

Crianças: Heitor, Roberto, Cauê, Helena, Priscila, Juliana, Gabriela, João, Marieta, Marcia e Jeremias.

A vida como o mar, desliza pelo destino, levando-nos a encontrar as mais diversas e inesperadas experiências. Com sua natureza fluida, nos leva em ondas e marés, no movimento das águas das possibilidades, repletas de escolhas e correntes, de barcos e embarques. Às vezes nas calmas águas de uma lagoa azul, outras em pulsantes e revoltosos oceanos. Entretanto, caros marinheiros e marinheiras, como já disse o grande viajante das palavras, Navegar é preciso, viver não é preciso!

Navegar é preciso; viver não é preciso

*Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
"Navegar é preciso; viver não é preciso".*

*Quero para mim o espírito desta frase,
transformada a forma para a casar como eu sou:*

*Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.
Só quero torná-la grande,
ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.*

*Só quero torná-la de toda a humanidade;
ainda que para isso tenha de a perder como minha.
Cada vez mais assim penso.*

*Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue
o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir
para a evolução da humanidade.*

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

Fernando Pessoa

A viajar por aí, chegamos ao ciclo 4, num encontro de marinheiros e marés. Nós educadores (as), marinheiros (as) de algumas viagens vividas, nos deparamos com um grupo de jovens aventureiros, animados, fanfarrões e agitados, que ainda não sabiam, mas carregavam dentro de si um espírito pirata a desvendar.

A Cris já conhecia boa parte destas crianças, já haviam experimentado algumas viagens num barco chamado ciclo 3. O grupo havia construído, ao longo do ano passado, um forte vínculo de carinho, respeito, confiança e amizade com ela.

Heitor, Roberto, Cauê, Priscila, João, Marieta, Marcia e Jeremias, são um grupo de amigos que se conhecem, pelo menos, a metade de suas vidas, no alto de seus 5 anos.

Pablo estava chegando, se juntado à Cris nesta enorme tarefa de ajudar às crianças a descobrirem os segredos dos mares externos e dos oceanos internos. Junto ao Pablo, se juntaram a este grupo Helena, Juliana e Gabriela.

Assim um novo grupo se formou, içando âncoras para uma nova aventura.

Primeiro Cris e Pablo resolveram observar, sentir como o grupo se comportava. Quais eram seus potenciais e necessidades. Como eles se relacionavam e dialogavam nas atividades, brincadeiras e rodas. Para tal, propuseram atividades que desvelassem seus interesses, gostos e saberes, mapeando a turma e construindo um projeto que a envolvesse na aventura das descobertas e no desafio da convivência.

Nesta semana de pesquisa, os (as) educadores encontraram uma turma muito agitada, que gritava muito uns com os outros, que desrespeitava a forma e o conteúdo da expressão de cada um. As rodas, que mais pareciam montanhas russas, se movimentavam entre solavancos, corridas e gritos, na disputa de ser ouvido primeiro que o outro.

O grupo competia muito entre si, gastando um bom tempo discutindo quem ia ser o primeiro, ou mesmo sofrendo com a frustração de não ser o escolhido ou não ganhar o jogo.

Sentimos que precisávamos ajudar às crianças a acalmar suas energias e catalisa-las para o que relataremos em seguida.

Ao mesmo tempo em que enxergavam uma tormenta, de ventos assobiantes, os(as) educadores se depararam com crianças brincalhonas, sonhadoras, livres e descontraídas. Envolviam-se com facilidade em histórias e brilhavam os olhos diante de um livro. Figuras dispostas e curiosas, que topavam experimentar explorações artísticas e corporais. Com olhos atentos para novo, abertas e soltas.

Numa dessas explorações da turma, junto à Cris, Pablo convidou seu primo, para ensinar uma brincadeira pirata para as crianças. O objetivo deste encontro era trabalhar letras, números, noção espacial e, principalmente, semear um interesse.

O nome do primo, Barba-Rala. Pirata instrutor da sociedade secreta dos piratas (SSP). Pois então, eis que numas destas tardes, irrompe a sala rosa um pirata esquisito, cabeludo, de bengala na mão e andar cambaleante. O encontro foi um choque. Literalmente!

Devido a sua semelhança familiar com o Pablo, as crianças se chocaram com sua fisionomia, vestimentas e jeito e, unidos à desconfiança de sua identidade, atacaram o pobre pirata, dizendo que ele era o Pablo. Em meio a murros, empurrões e gritos.

Aos poucos, passada a euforia e explicações realizadas, as crianças, ainda desconfiadas, resolveram fingir que acreditavam na história, para descobrir os mistérios que viriam. Barba-Rala apresentou a atividade, todos e todas adoraram, logo entenderam a lógica do jogo e foram descobrindo os desenhos escondidos atrás das

coordenadas.

Ao longo do dia as crianças foram descobrindo os segredos desta emblemática figura. Foram ouvindo suas histórias, aventuras e façanhas. E também tomaram ciência da Sociedade Secreta dos Piratas. Esta descoberta causou tanto alvoroço, que ao longo do dia, com mais e mais descobertas, as crianças não queriam outra coisa. Desejavam fazer parte da SSP. Para suas sortes, o Barba-Rala é instrutor de piratas desta organização.

Ao final do dia, o pirata perguntou às crianças se elas queriam mesmo embarcar nesta aventura. Todas toparam, juntaram as mãos e decidiram iniciar o projeto.

A Sociedade Secreta dos Piratas

Cris, Barba-Rala e Pablo conversaram bastante e pensaram muito na turma, assim montaram um projeto que levasse as crianças a explorarem os conhecimentos do mundo, das ciências relativas aos piratas levando em consideração às características e necessidades deste grupo.

Para tal, primeiro seria necessário que o grupo de apropriasse do espaço da sala, construísse ferramentas de autonomia, de expressão e diálogo. Buscando a coesão do grupo e uma relação respeitosa, solidária e co-responsável.

Iniciamos então um trabalho de significação do espaço físico da sala, levando às crianças a pensarem sobre organização, cuidado com os materiais e autonomia. Cada criança produziu sua caixa, onde guarda suas produções. Pintamos e enfeitamos uma estante, onde colocamos os potinhos que também produzimos, destinados aos materiais pedagógicos, que ficam disponíveis todo o tempo.

Após a produção dos potinhos, trouxemos para a roda todo o material que pedimos e conversamos sobre sua utilização e conservação. Escolhemos o pote de cada material e arrumamos a estante.

Desde então os materiais continuam lá muito bem cuidados pelas crianças. De vez em quando alguém esquece que a canetinha tem que ficar de cabeça para baixo para não secar a ponta, ou que o lápis fica de ponta para cima, para não quebrá-la. Mas as crianças mesmo lembram umas às outras.

Todo esse movimento construiu um maior envolvimento das crianças com a organização da sala, estimulando a responsabilidade compartilhada e o cuidado com os materiais. Também fomentou sua autonomia.

Buscando auxiliar as crianças a construírem um espaço de diálogo respeitoso, solidário e plural. Propusemos um espaço de expressão onde, a qualquer momento, poderia ser utilizado para expressar uma ideia, um sentimento ou qualquer coisa que quisessem compartilhar.

Produzimos um painel com colagem e as crianças o batizaram de Caióvisqui, o cartaz dos amigos. Inspiradas no nome de nosso grande e querido amigo Cauê.

Certas vezes conseguimos propor para as crianças, atividades e ferramentas que encaixam suaves e certeiras como luvas de veludo. O Caióvisqui foi uma delas!

Desde sua criação, já transitaram por seus domínios inúmeras ideias e expressões, que resultaram em boas rodas de conversa e em muitas brincadeiras e atividades que envolveram todo o grupo. Os muitos passeios de bicicleta, salão de beleza e feiura pirata, circuitos com cordas, brincadeiras de bases piratas, dentre outras, nasceram neste local.

Essa ferramenta de expressão proporcionou ao grupo um espaço de diálogo onde cada pessoa tinha a sua vez para colocar sua ideia ou expressão, debatendo as

possibilidades, negociando com o resto da turma para viabilizá-la. Assim pudemos refletir sobre nossa forma de conversar, de se relacionar e sobre individualidade e respeito, experimentando na prática o exercício da coletividade. Para além, conseguimos envolver mais as crianças na construção da rotina, deixando nossos planejamentos mais ricos da identidade do nosso grupo.

Em meio a tantas conversas, brincadeiras, negociações, aventuras e atividades, as crianças que chegaram foram se aproximando as antigas e vice-versa. As afinidades foram aparecendo, tomando o espaço do ciúme, da insegurança e do medo do novo.

As três meninas novas, encontraram umas nas outras uma afinidade situacional e se agarraram nela, arando um terreno fértil para a amizade. Esse primeiro movimento foi muito bacana para as três, contudo, logo seus horizontes foram se ampliando e novos amigos e amigas surgiram.

Dia após dia o barco foi se aprumando, o cordoamento foi se ajustando e a vela se abriu para inflar com outros ventos.

O pirata que há em nós

Reza a lenda, que cada um de nós tem um pirata escondido em algum lugar de nossas entranhas. E que, para descobriremos, temos que entrar em contato com experiências que nos fazem pensar sobre o bem e o mal, sobre o mundo, sobre nossos sonhos, desejos e fantasias.

Ao longo dos anos, a SSP foi selecionando inúmeras atividades que auxiliam as crianças a se encontrarem com seu pirata interior e que as desafiem na construção de um coletivo.

Para se tornarem piratas, as crianças tem que passar por uma série de desafios que lhes rendem medalhas, que por sua vez, devem ser fixadas em uma cartela. Os(as) jovens aspirantes a pirata construíram suas cartelas, colocaram seus nomes e estão colando suas medalhas após cada desafio. As tarefas são coletivas e todos ganham medalhas, contudo, para tal, precisam estar juntos se ajudando.

A primeira parte dos desafios, serviram ao propósito de socializar conhecimentos piratas com as crianças, estimular seus imaginários e envolver o grupo na atmosfera do projeto. Em seguida, construímos o alfabeto do código secreto dos piratas, para podermos nos comunicar com a SSP (relataremos e aprofundaremos essa atividade mais adiante). Partimos então para a construção da identidade pirata individual e grupal.

Sejam quais forem os desafios que as crianças tem que vencer, a SSP envia, das formas mais inusitadas, elementos que ajudam às crianças a descobrirem os segredos desse mundo.

Voando pela janela, enterrados no parque, pendurados no teto, escondidas pela sala, chegam cartas, medalhas, livros, textos, imagens e filmes, que contam sobre as mais diversas nuances do universo dos piratas. Barcos, roupas, guerras, regras, piratas famosos, bandeiras, símbolos, mares, histórias, países e ilhas, são alguns dos conhecimentos socializados pela SSP.

A diretora da Sociedade, Arabela Drumont, faz questão de assinar muitas das cartas recebidas pelas crianças.

Para as crianças descobrirem sua identidade pirata, a Sociedade Secreta dos Piratas enviou sua Professora de Identidade Piratológica, Lara Janes. Ela as conduziu por meditações e brincadeiras, onde as crianças descobriram e criaram seus símbolos, seus nomes piratas e depois criaram o nome e o símbolo do grupo.

As crianças estão vivendo um processo de criação individual e coletivo, onde os

piratas brotam de suas imaginações e, no compartilhar de suas viagens, na rica mistura das individualidades, estão criando o grupo de piratas Bandeira Azul. Nome escolhido pelo grupo.

No momento estamos confeccionando nossa enorme bandeira de mosaico. O símbolo do grupo é fruto de um desenho coletivo, onde as crianças tinham que desenhar um traço de cada vez, pois ao tirar a caneta do papel passaria a vez para o(a) outro(a).

Outra nuance identitária deste projeto está sendo a confecção das roupas piratas. Elas estão adorando essa experiência, vestindo cada mudança, para se olhar no espelho e se satisfazer com sua criação.

A identidade e a relação do grupo, também foi estimulada no desafio de criar as regras/combinados do grupo pirata. Para tal, estudamos algumas regras de pirataria em livros, debatemos sobre seu conteúdo, sobre nossas necessidades e partimos para a criação das nossas. Foi um momento muito bacana, que impulsionou as crianças na sua percepção sobre o coletivo e sobre convivência.

A enigmática figura dos piratas, está levando as crianças a pensarem sobre bem e mal, relativizando perspectivas, se desvencilhando de visões maniqueístas e propagadas por uma História que interessa às oligarquias. Existiram inúmeros piratas em diversas culturas, civilizações e épocas. Uns bons, outros maus, alguns com um pouco de cada. Havia homens, mulheres, piratas chineses, africanos, persas, vikings e os famosos piratas caribenhos.

Muitos dos piratas serviam aos interesses dos reis e rainhas e transitavam de foras da lei e bandidos à corsários e perdoados, dependendo do interesse e necessidade de cada império. Alguns eram escravos fugidos, que não encontravam outra saída.

Barba Negra, o mais famoso e responsável pela figura de pirata que conhecemos hoje em dia, participou da guerra e ficou horrorizado com a violência que vivenciou. Barba Negra viveu na chamada época do ouro da pirataria. Não acreditando mais nos desígnios de reis e rainhas cheios de manias e caprichos, virou pirata, atacando barcos da nobreza, distribuindo os saques com seus companheiros. Como desprezava a violência, investia na imagem para amedrontar seus inimigos, muitas vezes colocando pavís de pólvora acesos em baixo do chapéu e em meio a densa barba. Construindo uma imagem demoníaca que espantava seus desafidores sem a necessidade de lutar.

Toda esta mística tem levado às crianças a se transportarem para este universo fantástico, bem como tem proporcionado ricas reflexões sobre a vida.

A vida, a cor e a textura do projeto.

Este projeto se compõe da criação e materialização das vivências, fantasias e conhecimentos adquiridos pelas crianças. A arte é o principal veículo de expressão deste processo criativo.

Este bimestre as crianças criaram muitas coisas. Fizeram massinha mágica (biscuit) para enfeitar potinhos, pintaram e enfeitaram a estante, compuseram o Caióvisqui com colagem de figuras de revista, pintaram suas caixas, recortaram, colaram, usaram vários tipos de tinta, pincel, lápis, giz de cera, cola...

Com o projeto dos piratas produziram bandanas, desenhos de piratas, símbolos individuais e coletivos, estão fazendo nossa bandeira com mosaico e estão adorando confeccionar suas roupas piratas.

No projeto os materiais e técnicas se ampliaram ainda mais. Tecidos, cola de tecidos, roupas usadas, colares, tintas diferentes, colas coloridas, agulhas e linhas, se

misturaram a purpurinas, canetas de tecido e lantejoulas, numa envolvente e animada confecção. Elas estão amando este momento!

A arte tem sido um veículo de expressão para as crianças e elas estão explorando outros horizontes, soltando sua criatividade e imaginação. Seus trabalhos estão ficando repletos de narrativas e novos elementos impulsionam sua coordenação motora fina e o grafismo, bem como instiga outras formas de expressão.

Também propusemos desenhos e pinturas livres, para que as crianças possam ficar mais soltas em sua expressão.

Os mistérios dos símbolos

A leitura e escrita vem se apresentando em nosso cotidiano como ferramenta de entendimento do universo que estamos imersos. Ao mesmo tempo se desvela em si, levando às crianças a interpretar essa linguagem e expressarem seus processos de criação.

Um dos desafios que levou as crianças a explorarem a linguagem escrita, foi a construção do código secreto dos piratas. Como a turma trocava muitas correspondências com a Sociedade Secreta, se fez necessário que elas aprendessem seu código secreto, evitando que mensagens sigilosas fossem lidas por outras pessoas.

Assim, Barba Rala veio apresentar o desafio do código. Cada criança recebeu algumas letras e, seguindo para a sala verde, encontrariam inúmeras figuras, que deviam ser relacionadas às letras. Cada criança foi criando suas hipóteses, estabelecendo relações e unindo letra e figura. O tempo foi diminuindo, narrado pelo pirata. Ao final, as crianças excitadas, se apressavam em associar as letras que faltavam. Após a primeira etapa do desafio, todos(as) sentaram juntos(as) e começamos a ver e ouvir as hipóteses de cada um. Em meio as inúmeras teorias o código foi surgindo e as letras foram se desvelando em significado.

Quando faltavam apenas algumas letras para se associarem às figuras, deixamos as crianças resolverem sozinhas, pois juntas, já dominavam a lógica. Assim, após terminarmos a associação, juntamos letras e figuras, colando em folhas e montando o nosso alfabeto/código secreto dos piratas, que está fixado no alto de nossa sala.

Essa atividade rendeu muitos frutos. Utilizamos do código em vários momentos e esta ferramenta está proporcionando que as crianças, em seus vários momentos, possam ser desafiadas de forma diversificada, respeitando o processo de cada um. Está servindo à socialização das letras, para as crianças que estão em busca de seu reconhecimento. Impulsiona a interpretação das palavras e a associação com as figuras, para aquelas que compreendem a ligação entre o som e o nome da letra. Também desafiam a grafia das letras nas decodificações que realizamos semanalmente.

Livros, cartas, bilhetes de culinária, escritas espontâneas, batalhas navais, bingos de letras, interpretações e leituras coletivas, vem enriquecendo essa aventura de abrir as janelas da linguagem.

As crianças estão caminhando bem nesse movimento. Cada qual em seu tempo e percepção, sendo desafiadas em sua individualidade, impulsionadas pelo coletivo. Existe pluralidade de entendimento e ela é bem vinda. A linguagem nasceu dentro das crianças, repleta de suas identidades, de criatividade, de desejo de registrar o mundo. Algo que não é ensinável, que é de cada um e não se perde jamais.

O poder das frutas e a saúde dos marinheiros

Para enfrentar tantos desafios, os piratas tem que gozar de boa saúde, se alimentando bem e se relacionando com a comida de forma consciente e harmônica.

No início desta Nau, os momentos de lanche eram muito agitados e alguns marujos e marinheiras não estavam comendo frutas. Para ajuda-los(as) a refletir e vivenciar experiências que ajudassem a construir hábitos saudáveis, resolvemos retomar e repaginar o dia do natural. Dinâmica já realizada no ciclo 3. Este ano, a cada terça-feira, três família ficam responsáveis por montar um cardápio, que deve equilibrar frutas, castanhas e legumes. Alimentos em natura, buscando a experimentação dos sabores essenciais dos alimentos.

Além disso, conversamos bastante sobre os poderes doas alimentos, refletindo sobre sua ligação com a saúde e nossas habilidades piratas.

Construímos alguns combinados sobre a dinâmica do lanche, buscando estar mais tranquilos e calmos neste momentos, nos relacionando melhor com os alimentos.

As crianças foram se acalmando, as frutas voltaram a aparecer nas lancheiras e elas começaram a experimentar novos sabores. As culinárias também se somaram á esta aventura saborosa.

Pablo também iniciou uma história que se arrastou por semanas, incluindo os nomes das crianças na trama. O momento do lanche foi se transformando, ficando mais tranquilo, rico em convívio e trocas.

A relação com a alimentação é uma aventura para toda a vida. Criar hábitos e paladares é um exercício cotidiano, que necessita de constante atenção. Nesse sentido, ainda temos muito a caminhar e para tal, precisamos da parceria dos pais, mães, babás, avós e agregados. Não desistam nunca, enviem sempre frutas e alimentos saudáveis, tenham fé, as vezes essa caminhada é difícil e os resultados levam tempo, mas vale à pena, pois a saúde das crianças está em jogo.

1, II, três e um ∞de possibilidades

A matemática é uma forma de interpretar o mundo à nossa volta, utilizando a linguagem dos números para analisar as nuances da vida. Ao pensarmos como poderíamos trabalhar essa ciência de uma maneira divertida, interessante e dinâmica. Propusemos alguns jogos que poderiam potencializar os saberes da turma. Surgiu assim, o batalha naval e o tapão. Jogos que além de estarem intrinsecamente ligados ao projeto, exploram números, suas representações, quantidades, concentração e raciocínio lógico.

A batalha naval ajudou as crianças, de maneira divertida e interessante, a conhecerem tanto o nome das letras quanto os números. Desafiando seus conhecimentos gráficos e sua noção espacial. Permitiu que cada criança pensasse com calma no seu tiro. Aos poucos foram se apropriando da lógica, explorando e conhecendo letras e números, cruzando-os para acertar determinada coordenada. Conforme os desenhos apareciam e iam se formando, as crianças foram aperfeiçoando seu tiro e técnica. Elas observavam o desenho e pensavam qual letra e qual número teriam que falar para completar aquela figura. Desafiando sua concentração e raciocínio lógico.

No jogo de tapão as crianças vão contando a sequência de jogadas, sem verem a carta que sairá no instante. Quando a carta que eles viram tem número igual ao número da jogada respectiva, tem que bater na mesma, o último a bater leva o monte. De acordo com Piaget “o número é construído por cada criança a partir de todos os tipos de relações que ela cria entre os objetos”. Assim, enquanto contamos os números e viramos as cartas, as crianças reconhecem os Algarismos e diferentes formas de

representar as quantidades, tanto na representação numérica, quanto na quantidade de desenhos representados.

Iniciamos também um trabalho com o calendário, visando organizar e desafiar ter a noção temporal e sequencial. O Caióvisqui, o cartaz dos amigos, está repleto de ideias e sentimentos e pensamos em trabalhar com o calendário para organizar o dia de cada atividade com as crianças. Começamos trabalhando os dias da semana, entregamos os números para as crianças e dizíamos que o dia 31 é uma segunda-feira e como desafio, cada um teria que encontrar a segunda-feira no calendário. A princípio os números ficaram fora de ordem, então refizemos a atividade, reorganizando a ordem dos números. Com o calendário trabalhamos a organização do tempo, os dias da semana, os meses do ano, o hoje, o ontem e o amanhã, saímos da base 10 e exploramos outros números.

As crianças estão avançando em seus conhecimentos numéricos e estão sendo desafiados a pensar o tempo e o mundo, dentro de uma ótica matemática e lógica.

Meu corpo, minha nau.

Este grupo de aventureiros e aventureiras, adora grandes desafios corporais! Eles(as) sobem nas árvores, escalam as grades, pulam pelas janelas, sobem nas mesas, se equilibram nas cordas e exploram toda a força do seu corpo. Cada criança no seu ritmo, explorando e descobrindo o que seu corpo é capaz de fazer e até onde podem ir com ele. Assim, aproveitamos toda essa energia e curiosidade para montarmos circuitos cada vez mais desafiadores e elaborados, pelo qual possam passar com segurança e explorar sua coordenação corpora global, seu equilíbrio, noção espacial e tônus muscular.

Realizamos muitos jogos corporais com regras, como o barra – manteiga, 7 pecados, pique esconde e pique cola. São jogos em que as crianças tem que correr, procurar, jogar a bola, passar por de baixo das pernas e pegar o(a) outro(a) colega. Precisam estar atentos às regras e aos seus colegas, para que o jogo seja dinâmico e divertido. A competitividade também está sendo trabalhada nestes momentos, levando-as a perceber que o importante é participar e se divertir, pois se todos se importarem apenas com a vitória, a brincadeira não acontecerá ou não será tão prazerosa.

Terra a vista e mares a explorar

Assim seguimos, com velas repletas do sopro dos desejos. O grupo navega a pleno vapor rumo à descoberta do mundo e de si mesmas. Os saberes brotaram de nossas explorações e os conhecimentos encontrarão significado em nossos desejos. O projeto dos piratas continua, ainda temos muitos elementos a descobrir. Agora estamos saindo da construção identitária dos piratas e seguiremos explorando as ciências e conhecimentos relativos a este universo.

Chamamos à atenção para a afinação da turma no que diz respeito ao horário de chegada. Os atrasos têm influenciado no fluir da rotina e no envolvimento das crianças nas atividades. Contamos com a parceria.

No mais, estamos juntos e misturados no desbravar destes mares.

Agradecemos a oportunidade de compartilhar estes mágicos, lindos e ricos momentos, com essas crianças maravilhosas e cheias de vida. Sentimo-nos honrados por exercer tão importante papel em suas vidas.

Qualquer dúvida, desejo, suspiro ou sugestão, venham ao nosso encontro, pois fazemos parte da mesma história.

Um grande e caloroso abraço,

Pablo e Cris

A alfabetização e o letramento surgem em meio ao universo fantasioso dos piratas, as crianças percebem a função social da escrita e da leitura a partir de suas trocas de cartas com a Sociedade Secreta dos Piratas, se deparam com práticas sociais da leitura e da escrita.

Neste sentido, afirma SOARES (2012,p.47):

“Precisaríamos de um verbo “letrar” para nomear a ação de levar os indivíduos ao letramento... Assim, teríamos *alfabetizar* e *letrar* como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria *alfabetizar letrando*, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, *alfabetizado e letrado*”. (grifo da autora)

Apresentar apenas o alfabeto é um equívoco que cometemos há anos. Presos ao TA-TE-TI-TO-TU esquecemos qual é a função, o sentido e o valor da escrita e da leitura.

SOARES (2012,p.45) acrescenta que:

“As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competências para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita: não lêem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento, uma declaração, não sabem preencher um formulário, sentem dificuldades para escrever um simples telegrama, uma carta, não conseguem encontrar informações num catálogo telefônico, num contrato de trabalho, numa conta de luz, numa bula de remédio...”.

Na Vivendo as crianças têm a oportunidade de conhecer os diversos gêneros textuais, livros infantis, contos, convites, cartas, bilhetes, receitas, parlendas, poesias, cordéis, entre outros.

Neste sentido CARVALHO (2013, p.71) ressalta que: “Tornar-se letrado, ou forma-se leitor, é aprender sobre autores, seus modos de pensar, intenções, interlocutores ideias e valores; é aprender sobre os gêneros, a forma pela qual os textos se organizam, a partir do título, obedecendo certas convenções e desdobrando-se parágrafo por parágrafo para exprimir ideias. É principalmente aprender a dialogar com os autores refletindo sobre o que eles dizem e comparando com as suas com as nossas próprias ideias.”

Assim, a Vivendo proporciona que as crianças conheçam diferentes gêneros textuais descubram que existem outras possibilidades e estilos de escrita, que este é um

universo de 26 letras repleto de combinações, entonações, descobertas, junções, separações, discordâncias, complementos e concordâncias. Um universo amplo, que elas poderão explorar e descobrir ao longo de toda sua vida.

Quando em nosso mapa inicial a Associação declara não gostar da falta de clareza e de orientação para os pais, ansiedade das famílias (adultos) em relação ao tema, quando a ansiedade pode levar o educador a “fazer” (atropelar) pela criança e a Vivendo não ter conseguido comunicar que existe uma sistematização do letramento desde o ciclo 1. E propõe orientação para os pais, a inclusão do tema nos primeiros ciclos para esclarecimento nos encontros, uma maior sistematização e registro e difusão dos processos em sala de aula, publicações, dúvida: olhar do professor, ser sensível à importância que as crianças e as famílias dão para o código (jeito coletivo, social), não esquecer das outras áreas do conhecimento no ciclo 5, ciclo de debates, como auxiliar em casa, a partir de “causos”, “A dúvida da semana” (blog), mais espaço de reflexão sobre o tema e atenção para o tempo de cada um. A Associação demonstra um profundo interesse em saber mais, em aprofundar seus conhecimentos sobre o assunto, ter espaços, sejam eles presenciais ou virtuais para tirarem suas dúvidas, pedem por esclarecimento e orientação, espaços para debate, sistematização e difusão dos projetos. Isso retrata que precisamos estudar para vencer este desafio, precisamos conhecer os referenciais teóricos da escola e ir além deles, conhecer outros autores, conhecer e confiar na nossa prática pedagógica e no processo das crianças.

Este ensaio é um ponta pé inicial, para refletirmos sobre os processos de alfabetização/ letramento na Vivendo e Aprendendo, entendermos como esse processo acontece na sala, nos projetos e na rotina da escola, como as crianças começam a formular e criar suas hipóteses e qual é a nossa postura diante da sua construção de conhecimento e situações de conflito com a língua. Espero que a leitura deste ensaio ajude a Associação a compreender este processo e gere outras reflexões.

Considerações finais?

“A estupidez”, escreveu Flaubert, “consiste em um desejo de concluir”.

(Alberto Manguel)

A experiência é a experiência de saber-nos provisórios em todos os tempos, finitos em todos os espaços, doces de quase tudo, seguros de nada, vulneráveis a qualquer palavra, a qualquer carícia, a qualquer outro.

Uma palavra que se separa da experiência é uma palavra sem boca, sem lábios, sem rosto: é uma palavra morta (e não um ensaio).

(Carlos Skliar)

Quando anuncio o título deste ensaio “Vivências com os processos de alfabetização/letramento em uma escola de educação infantil inovadora: entre formiga e piratas”,

Anuncio Vivências! Vivências, que são experiência viva em minha formação como educadora. Uma vivência com palavras, por palavras, entre palavras, sem palavras! Vivências com! Vivências com os processos! Cada ser vive o seu processo, eu vivi o meu você viveu o seu! Vivências com os processos de alfabetização! Vivência com a leitura de mundo, com a leitura da palavra, com os sistemas de representação da língua escrita! Vivência com os processos de alfabetização/letramento! Vivência com as práticas sociais de leitura e escrita, com os diferentes gêneros textuais, com diversos autores! Vivências com os processos de alfabetização/letramento em uma escola de educação infantil inovadora! Vivências que nos permitem ir além da sala de aula que nasceu de uma utopia educativa, que nos permitem quebrar a rotina, sermos ousados, criativos, lúdicos e inovadores. Vivência com os processos de alfabetização/letramento em uma escola de educação infantil inovadora: entre formigas e piratas! Entre adultos e crianças, entre barcos e formigueiros, entre projetos e planejamentos, entre relatórios e diário de bordo!

Vivências com os processos de alfabetização/letramento em uma escola de educação infantil inovadora: entre formigas e piratas. Com este ensaio revisito meu diário de bordo, os relatórios, os planejamentos, os projetos e as vivências com as crianças e encontro nos estudos de Emilia Ferreiro, Ana Teberoski, Marlene Carvalho, Magda Soares, Paulo Freire e Madalena Freire, grandes reflexões sobre os processos que vivi e acompanhei em sala. Esclarecendo o que é alfabetização/letramento, falando sobre práticas pedagógicas, sobre a leitura de mundo e a leitura da palavra que estão sempre presentes e uma não existe sem a outra, pesquisando sobre as hipóteses e formulações que as crianças fazem quando estão aprendendo a ler e a escrever me ajudou a compreender este processo tão complexo da alfabetização/letramento. Esses

autores dialogaram a todo momento com a minha prática em sala de aula por meio dos projetos pedagógicos construídos com as crianças.

Se fez presente neste ensaio, a voz das crianças, a voz dos autores, a voz da comunidade escolar e a minha voz como educadora. Todos dialogando a respeito de um mesmo tema: processos de alfabetização/letramento. Trazendo a voz da criança, suas dúvidas, curiosidades e interesses sobre a escrita e a leitura, percebemos como se dá o fazer pedagógico da Vivendo; e compreendemos como o estudo desses autores nos ajudou a proporcionar situações de conflitos para as crianças e também a compreender os seus “erros”, porque na verdade não são “erros” e sim a construção de um pensamento, a compreensão de uma língua, a formulação de hipóteses.

Na Vivendo me constituí como educadora por meio das minhas experiências em sala com as crianças, com meus parceiros Kênia e Pablo, com os pais da minha turma, com os coordenadores e os demais educadores. Todos me auxiliaram na conquista desta autonomia em sala de aula. Viver cada dia o projeto das formigas do mundo me mostrou o quanto podemos ir longe sem sairmos da sala, como esses seres pequenos podem ser surpreendentes e o quanto nós podemos descobrir e conhecer se nos permitirmos pesquisar com as crianças. No projeto dos Piratas, descobri uma pirata em mim, Lara Janes, que me mostrou o quão ousados e corajosos nós podemos ser, o quão desafiador e envolvente um projeto pode ser, como podemos viajar e descobrir o verdadeiro pirata que há em nós.

Aprendi que ser educadora é estar atenta aos interesses das crianças, é respeitar a sua voz, é saber mostrar os limites, é ter uma relação sincera e honesta, é um ato de amor, é ser coerente com você, com a sua prática e com a criança, é ser paciente, curioso e pesquisador. É dedicar-se, é escutar os pais, acolher suas dúvidas e angústias, estar aberto ao diálogo, é respeitar, é ouvir, é acreditar, é compartilhar, é dividir e construir coletivamente. É ser humilde, é admitir que erramos, é ter consciência, é ser consciente, é ser carinhoso, estender um ombro amigo quando o mesmo for necessário, é dar colo, é encorajar, é soltar, é libertar, é ousar, é amar, é cuidar, é compreender, é trocar, é ser humano!

Escrevendo este ensaio descobri as asas de uma utopia educativa, encontrei uma educadora chamada Ivonilde Morrone, que em sua entrevista traz o relato de uma memória educativa viva de 1960 em Brasília. Descobri o início da discussão sobre alfabetização em Brasília e como evoluiu com o tempo. Percebi como existem pessoas que estão presas a um fazer que não é delas, a uma prática pela prática, método pelo método. E como essas dúvidas com relação a leitura e a escrita incomodam, angustiam e parece que ninguém é capaz de esclarecê-las. Encontrei dificuldade em lidar com todas essas angustias e medos, tentei ser clara na escrita deste ensaio para que as pessoas não fiquem presas as dúvidas e as angustias, e comecem a pesquisar sobre o assunto, a debatê-lo e estudá-lo associativamente.

Se a Associação estudar mais a fundo esses autores (Emilia Ferreiro, Ana Teberoski, Magda Soares, Marlene Carvalho, Paulo Freire e Madalena Freire) no

diálogo com as suas práticas pedagógicas cotidianas, compreenderá o processo, suscitará outras dúvidas e outras sementes surgirão!

A ideia é que este ensaio volte para a Vivendo, seja debatido no Conselho Pedagógico, na equipe pedagógica, compartilhado e debatido por toda a Associação. É um primeiro passo para que a reflexão não se perca, que a curiosidade não se esvaia, e que o inesperado continue acontecendo na escola, que surjam piratas, formigas, astronautas, cientistas, palhaços, caminhoneiros, bombeiros, garis, dançarinas, animais, insetos, plantas... Todos seres, todos os planetas, todo o cosmo, toda a terra, para que as nossas palavras tenham vida e brinquem conosco!

Perspectivas Futuras

Como educadora, pretendo terminar o meu estágio na Vivendo e Aprendendo. Quem saber assumir o cargo de educadora na Associação Pró-educação Vivendo e Aprendendo ou passar no concurso da Secretaria de Educação do DF, fazer um mestrado na educação, ou ser educadora no Sarah ou abrir uma escola ou viajar e conhecer outras experiências inovadoras. Onde quer que esteja levarei comigo tudo o que aprendi como educadora na Vivendo, serei coerente em minha prática e continuarei sonhando, pois são os sonhos que me movem, que me fazem lutar e acreditar em um mundo melhor!

REFERÊNCIAS:

ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo e aprendendo/Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo. Brasília, 2ed. Ano I. N.1, 1998.p.96.

ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo e aprendendo. 2 ed. Nº02. Brasília: A Associação, 2004.p.80.

DUTRA, Flávia. **Vivendo a teoria.** In: A associação. Escrevendo e Aprendendo. 2 ed. Nº02. Brasília: A Associação, 2004.p.33-35.

DUTRA, W. ; HURTADO, F. **A adaptação à escola e o trabalho no maternal.** In: A Associação. Escrevendo e Aprendendo. 2 ed. Nº02. Brasília: A Associação, 2004.p.9-15.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação.** Brasília: Liber livro Ed. 2007.p.159.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática.** Petrópolis, RJ: Vozes,2005.p.141.

ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Brasília.2007.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras.** São Paulo: Cortez, 17.ed. 2011,p.103.

_____. **Reflexões sobre alfabetização.**São Paulo: Cortez, 26.ed, 2011, p.102.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo: relatos de uma professora.** Rio de Janeiro: Paz e Terra,1993.p.421.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo – Cortez. 1989. p.49. Disponível em: <http://www.hdbr.org.br/data/site/uploads/arquivos/Paulo%20Freire%20-%20A%20Import%C3%83%C2%A2ncia%20do%20Ato%20de%20Ler.pdf>. Acesso em: 20/06/2014, 10:11h.

MORIN, E. **Os setes saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2003.

MORRONE, Ivonilde. **Projeto Memória da Educação do DF.** Brasília – DF. 29 de Agosto de 1990. Fita I/ A/1. Entrevista com Wanda Cozetti e Vera Catalão.

PACHECO,J.**Dicionário de valores.** Ed SM Ltda.

PEREIRA, E.W. et. AL (Orgs.) **Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília: Universidade de Brasília, 2011,p.375.

PEREIRA, E.W; HENRIQUES, C.M.N. **Escola Júlia Kubitschek – A primeira escola pública do Distrito Federal**. In: PEREIRA, E.W. et. AL (Orgs.) **Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília: Universidade de Brasília, 2011, p.145-159.

PEREIRA, E.W; ROCHA L.M.F. **Escola Parque de Brasília: uma experiência de educação integral**. In: PEREIRA, E.W. et. AL (Orgs.) **Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília: Universidade de Brasília, 2011, p.161-178.

RODRIGUES,Tamine. **Vivendo e Aprendendo a ser Educadora: diálogos com memórias e práticas educativas de uma escola de educação infantil**. Ensaio – Universidade de Brasília, 2011.p.62.

SKLIAR, Carlos. **Experiências com a palavra: notas sobre linguagem e diferença**. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2012.p. 188.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autênciã Editora, 2012, p.09 – 60.

TEBEROSKY,Ana.**Psicopedagogia da linguagem escrita**.5ed.Campinas,SP: Ed. da UNICAMP. Petrópolis,RJ: Vozes, 1993.

